

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e MACIEL DA COSTA

N.º 81

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1920

Anno VII

este numero sae augmentado de 8 paginas

PARTE EDITORIAL

A revisão dos regulamentos de instrução.— Harmonia de vistas da M. M. F. com o nosso E. M. E.— A consequente "revisão" radical das nossas fabricas de munições ou... uma clausula especial no tratado da LIGA DAS NAÇÕES.

A revisão dos nossos regulamentos de instrução assumiu para muita gente a significação de uma victoria.

Já é contentar-se com muito pouco ou adivinhar.

O facto de, por assim dizer, se terem encontrado em caminho as respectivas propostas do E. M. E. e da M. M. F. não permite precipitar aquella interpretação, isto é, concluir que a revisão em andamento constitua uma flagrante prova da incapacidade dos officiaes brasileiros para esco-

lha, adopção e organização dos nossos regulamentos.

Não faltaram orientadores, bem suspeitos, é verdade, a quererem impôr este ou aquelle processo e até a atacarem a constituição das commissões de officiaes brasileiros designados para collaborarem com os francezes.

A revisão, todos o comprehendem e muitos o disseram, era inevitavel, mesmo que nos viesse missão allemã, mesmo que não nos viesse missão alguma; seja como fôr, apesar de quaesquer obstaculos, resistencias ou pressões, a victoria possivel só é uma: a do partido do TRABALHO.

O que um raciocinio positivo e imparcial constatará de começo é que se apresentam dois impulsos expontaneos em presença: da parte dos francezes, por commodidade, pela lei do menor esforço, o de nos applicarem os seus regulamentos, quanto possivel, taes quaes; da parte dos brasileiros, por identicos motivos, e mais, por pudor, o de conservarem fundamentalmente os regulamentos adoptados, só lhes introduzindo as alterações aperfeiçoadoras dimanadas das lições inconcussas da guerra.

Harmonizar intelligentemente estas duas vontades é a tarefa honesta dos dois partidos conjugados e para a qual, certamente, aos brasileiros não faltará o patriotico criterio de acceitar a palavra cheia de responsabilidade dos mestres experimentados, como a esses mestres não faltará a capacidade de adaptação ás condições especiaes do meio, entre as quaes não é desprezivel o que já se sabe e se faz com a devida correcção.

Si o Sr. General Gamelin, chefe da M. M. F. teve particular cuidado na escolha dos seus auxiliares, conforme opportunamente declarou, de modo identico havia de ter procedido o nosso chefe do E. M. E. Ninguém pretende contestar que, para felicidade nossa, outros officiaes poderia este ter escolhido com igual acerto, mas ninguem pôde desconhecer que especialmente se impunham para as commissões referidas officiaes de estreitas relações com os nossos regulamentos a serem revistos.

O facto de alguns dos membros brasileiros serem indigitados alumnos de uma das escolas a serem dirigidas pela M. M. F. não os diminue; todos os officiaes, excepto apenas os generaes, hão de ser, á sua vez, alumnos da missão, neste ou naquelle posto, numa ou noutra escola, mais hoje, mais amanhã. Não o serão os que não quizerem ou por motivos varios não puderem, mas isso não será titulo de superioridade.

No uso da faculdade que tambem nos assiste, como a toda gente, de divagar sobre a natureza da revisão que se está realisando, seja-nos permittido exarar o que nos parece.

Quanto ás alterações decorrentes dos ensinamentos da Guerra, applicaveis sem rodeios ou delongas ao actual apparellamento do nosso Exercito, cumprirá introduzil-as nos proprios moldes regulamentares vigentes. Taes alterações, parece, deverão ser adoptadas com absoluto respeito ao traçado de nossos regulamentos; este não é obice aos melhoramentos necessários, dos quaes devemos ser nós os mais entusiastas em querel-os, obediētes ao sentimento que fez o nosso Governo contractar a M. M. F.

Queremos dizer que na questão de distribuição das materias pelos regulamentos e na coordenação dos assumptos em cada um d'elles, se — sem duvida — a solução que está por nós adoptada não tem o privilegio de ser a unica possivel e certa, tambem nenhuma outra poderá ter a pretenção de tal virtude. Portanto, seria de nossa parte uma versatilidade injustificavel fazermos modificações de traçado infundadas.

Por outro lado a propria M. M. F. não desejará apresentar sob aspecto de novo, de *vient de paraitre*, coisas já existentes, expressamente tratadas em nossos regulamentos; isso só serviria para demonstrar uma intransigencia da parte d'ella,

uma estreiteza de vistas, em completo desaccordo com a sua capacidade.

A conservação alludida, sem embargo dos necessarios melhoramentos, terá ainda, um grande valor moral e immediato alcance pratico — coeficientes que, de certo, não devem ser menospresados.

O valor moral resultará da repercussão que ha de ter no espirito publico, especialmente sobre o da nossa officialidade, á constatação de que se procurava com justiça aproveitar o esforço já feito na acertada estrada do trabalho e de que os moldes vigentes são perfeitamente elasticos, capazes de, sem deformação que os desfigure ou rompa, comportar os retoques aconselhados pelos novos mestres, sejam accrescimos, substituições ou suppressões.

O alcance pratico estará em não provocar um abalo desnecessario na preparação profissional de nossos quadros e de nossa tropa; a evolução contará assim com a maior bõa vontade dos obreiros em retocarem a sua obra, disposição de espirito esta bem mais desejavel que o dissabor resultante de parecer que vamos começar de novo, deprimidos pela sensação de falta de consciencia e autoridade dos poderes que voluntariamente escolheram o rumo até agora seguido e nelle forçaram os nossos progredimentos.

Quanto aos regulamentos que ainda não possuímos nem em projecto, não soffre duvida que será muito mais facil a tarefa, pois nada obsta que os adoptemos como a M. M. F. nol-os apresente, naturalmente tendo levado em conta o systema dos demais.

A face do problema inquestionavelmente mais séria, é a que diz respeito ao novo apparellamento de nosso exercito em armamentos, quaes em especie e quantidade actualmente não os possuímos.

Muita coisa ha em que a autoridade a palavra da M. M. F. bastará só ella, para aplinar magicamente difficuldades, alar objecções, tranquillisar vacillações, e sem ella se opporiam á conveniente motação do exercito. Em presença dos profissionaes estrangeiros nem todos se venturam a discutir, a ponderar, e é mais commodo, mais distincto, mais intelligente, concordar...

A' primeira vista parecerá aos que mais ardentemente sonham com um exercito de verdade, que devemos acceitar de braços abertos tudo que nos fôr suggerido com referencia a armamentos, comtanto que elles venham, *de facto*.

Avaliada mediante um estudo, o mais completo possivel, a feição das guerras possiveis em nosso continente, não ha duvida que todos os sacrificios se impõem, sejam quaes forem os seus limites, pois é a nossa defesa que está em jogo, é o nosso futuro que pesa em uma das conchas da balança, aconselhando as aquisições de um material que embora depositado renderá o incomparavel juro que é a Paz.

Despidos porém de egoismo profissional, precisamos progredir com segurança ao lado das nossas possibilidades financeiras e de tal modo que nos sintamos sempre fortalecidos com os recursos que nos forem iusta e normalmente attribuidos, sem que se pretenda tomar por base a deprimente e perigosa situação em que presentemente nos encontramos.

Da parte da M. M. F. é perfeitamente comprehensivel que ella em tudo que regulamente, tenda a apagar as differenças existentes entre o nosso apparelhamento bellico e o que a grande guerra gerou, desenvolveu, ou resuscitou. Afaste-se qualquer intenção maliciosa e sem fundamento: os habitos incutidos pela guerra moderna, em que os nossos actuaes mestres manejavam um possante e vultuoso material, trazendo constantemente ao espirito a influencia que sempre

têm os systemas perfeitos, e a já lembrada lei do menor esforço, justificam a nossa objecção.

Seria verdadeiramente ideal que a M. M. F. quizesse primeiramente fazer um trabalho de acclimação, por assim dizer, para só nos trazer os progressos militares que o meio sul-americano contemporaneo reclama e comporta e que após meditação que penetrasse nas ultimas consequências da adopção dos modernos engenhos, habilitasse o nosso governo a cuidar concomitantemente, no tempo e no espaço, dos graves problemas correlatos para o funcionamento do exercito, segundo as novas idéas.

Isso seria porém da parte d'ella *patriotismo para o Brasil*, que pôde existir por felicidade nossa, mas não figura no contracto e a propria M. M. F. esperará ver praticado pelas autoridades brasileiras.

E' a nós que compete reflectir nas medidas complementares sem as quaes a transformação do nosso exercito, em **organisação e doutrina**, será uma illusão perigosa, criminosa, uma pellicula de armas e de idéas sobre seu emprego, velando a esqualida nudez do «cum quibus»: a **munição**.

A aquisição de armamentos e a «revisão» radical das nossas fabricas de munições, devem acompanhar no tempo a transformação dos regulamentos tacticos, salvo si conseguirmos a inclusão de uma clausula especial no tratado da LIGA DAS NAÇÕES com estes dois paragraphos:

1.º—A soberania dos mares é da LIGA DAS NAÇÕES.

2.º—A LIGA DAS NAÇÕES fornecerá em pesos iguaes, com uma equanimidade néoneutral, as munições para os belligerantes...

O Governo tem pois que escolher resolutamente entre *tres caminhos* a menos que pretenda deixar o curso dos acontecimentos á revelia, tornando-se então cumplice da illusão perigosa.

Para nós a melhor solução será a que

formar um systema completo, do qual estejamos perfeitamente capacitados, sem o risco de vêrmos faltar em momento critico uma das principaes peças da engrenagem.

Resolvam os competentes.

A' «A Defesa Nacional» cumpria apresentar o problema ás cogitações de todo o exercito, em coherencia com os brados que ha 7 annos vimos registando contra as faltas materiaes que nunca permittiram a nossa educação profissional, o que vale dizer — o cumprimento da nossa missão.

E se os nossos recursos jamais bastaram para a realização das modestas aspirações de outr'ora, pelo menos seria imprudencia (vá lá o euphemismo!) avançarmos de repente demais sem attender aos velhos reclamos, ou melhor, sem a firme resolução de completar a obra.

Da Província

Itapúa. — ... «Mais uma vez, hontem, não foi possível se levar a effeito a baldeação das dependencias do quartel desta Bateria, nem ao menos das privadas, por absoluta falta d'agua.»

...As consequencias deste facto não se fizeram esperar, graças ao duplo erro technico verificado na construção do quartel deste Forte, sendo então o commandante forçado a permittir que quasi todas as praças da bateria dormissem ao relento, preferindo assim uma molestia duvidosa a uma epidemia certa, se continuassem a pernoitar em um alojamento infeccionado por privadas situadas vis-a-vis, a menos de dois metros, e nas quaes ha absoluta carencia de agua para sua hygiene.

O dilemma que se apresenta, aqui na 1.^a Bateria, é terrivel: ou dormimos no alojamento e então somos cruelmente batidos pela febre typhoide ou pernoitamos ao relento e a gripe não se fará esperar!

Em vista de serem impossiveis ao esforçado commando deste Grupo, neste momento, providencias que solucionem o caso, uma unica se nos apresenta: a mudança provisoria da 1.^a Bateria para o seu antigo quartel, na Fortaleza Velha.

O quartel da Fortaleza Velha comporta perfeitamente o actual effectivo desta unidade, accrescendo ainda mais que além de ser o lugar saluberrimo, abunda a agua, elemento primordial á hygiene. Mais ainda, as privadas deste quartel, nada deixam a desejar, o que absolutamente não se verifica aqui.

Sob o ponto de vista da instrucção, sómente haverá lucro com a transferencia para lá, porque na pateo proprio para instrucção de infantaria, na uma bateria de tiro lento para a parte da

instrucção de artilharia, ha facilidade para aprendizagem de natação das praças, enfim tudo lá coopera para o preparo da tropa, ao passo que aqui, não existe lugar para a instrucção de infantaria e artilharia; sómente a boa vontade dos subalternos desta unidade, que se têm mostrado de uma força de vontade ferrea, tem conseguido dar estas instrucções a mais de dois kilometros do Forte, percurso este feito todos os dias de instrucção, pelos recrutas desta unidade.

O quartel em Jurubatuba é pessimamente ventilado, accrescendo como já disse, a absoluta falta d'agua, que muitas vezes nem chega para lavagem de rosto das praças, torna insupportavel a estadia no alojamento quer de dia ou de noite.

O Forte ainda não nos tendo sido entregue, é mistér que a instrucção de artilharia (Schneider 150 m/m) seja dada como nos annos anteriores no Forte Duque de Caxias.

Cruz Alta. — «... Esta é felizmente portadora de mais uma boa noticia: chegou mais um capitão, o que eleva a 5 o total dos apresentados. Faltam só dois, e mais um será desfalcado com o termo da meteorica passagem de um coronel no 6.^o R. A.!

Somos ao todo 21 officiaes, inclusive os aspirantes, (um dos quaes está como *intendente!*) fartura esta de que não havia memoria na provincia. Iniciou-se a instrucção: os pateos e a esplanada do quartel apresentam aspecto verdadeiramente pittoresco e animado nas horas da manhã.»

Bagé. — De um illustre official superior do 3.^o G. A. C. recebemos uma reclamação, da qual extrahimos o seguinte, que é o essencial: «A' Redacção da «Defeza Nacional». Em defesa do 2.^o e do 3.^o Grupos de Artilharia de Campanha a Cavallo, mal apreciados, em seus exercicios especies de tiro, por um dos correspondentes desta revista.

Um dos correspondentes da «Defeza Nacional», na secção «Da Província» escrevendo sobre as manobras de cavallaria, affirma á sua illustrada redacção que «a campanha de tiro ao seu ver foi um completo fracasso». — (Aqui nota o autor, muito bem, que a designação — campanha de tiro — está mal empregada). — Justifica, entretanto, mal esse juizo, pois attribue a responsabilidade do insuccesso sómente á autoridade que restringiu o local para o exercicio e ao «auditorio que em altas vozes se manifestava pedindo brevidade e criticando!» Ora, isso é uma injustiça flagrante.

A verdade é que não houve fracasso. Um dos tiros executados pelo 2.^o G. A. C. C. foi magnifico em seus effectos observados; o outro, conduzido com maestria, apesar de prejudicado por um dos chefes de peça.

O programma apresentado pelo 3.^o Grupo foi elogiado; o tiro com baixas no pessoal, da 1.^a Bateria, o tiro de ensaio de grupo e o tiro á noite foram apreciados com geral agrado. A critica chegou mesmo a dizer «que o grupo estava na mão, que estava bem instruido».

Mesmo que a critica fosse por demais benevolia para a artilharia, tendo sido severa para a cavallaria, não diria tanto se o fracasso fosse completo.

Deve-se, pois concluir que o correspondente Bagé foi injusto para com seus camaradas.»
N. da R. — Sobre o mesmo assumpto possiamos outras informações, tão fidedignas quanto que teve nossa preferencia á publicação no 79. Por exemplo:

Alegrete, 15. 12. 19. — ... No dia seguinte effectuou-se o que o programma denominou campanha de tiro de artilharia, trabalhando todas as baterias dos dois grupos nesse unico dia... O resultado foi desconsolador!

Os alvos muito mal collocados e muito afastados dos proximidades de objectivos reaes. O campo de tiro foi sempre immutavel... As posições de tiro eram descobertas e a occupação tambem descoberta e com um morosidade tal que, na realidade, não haveria uma unica bateria que pudesse abrir fogo... O accionamento foi muito irregular.

No tiro, em geral, os officiaes mostraram não possuirem a pratica da observação, cousa que é mesmo no fogo se aprende, o que não é culpa d'elles, mas evidencia que muito poucos reaes se fazem nos grupos a cavallo... Tudo o mais, o tiro simulado poderá nas ensinar... Houve um commandante de bateria que apesar de ter todos os seus tiros longos, commandava correções positivas e acabou considerando feito o garfo entre duas alças longas... Houve um outro que atirando com grupo sobre uma bateria de escudos, collocado numa axilha em cujo sopé, já um pouco distante, havia uma restinga, teve todos os tiros cahidos nesse matto e o levantamento da efficacia forneceu-lhe um esplendido resultado...

Alguns capitães não compenetrados das suas funções, confundindo-as lamentavelmente com as de commandantes da linha de fogo. Um annullou por completo o seu brilhante tenente, que teve de permanecer de lado, de braços cruzados, como méro espectador.

E' de justiça entretanto fazer notar a impressão agradável que deixou o tiro de uma bateria com baixas simuladas do pessoal, tendo os serventes se portado com uma segurança digna de elogio.

Houve um só tiro de ensaio de grupo. Apesar de se achar o commandante a muito pequena distancia e collocado na altura do centro do grupo, as communicações foram feitas com muita regularidade.

Falharam os signaleiros e até o cordão de ligação, o que prova o pouco desenvolvimento do pessoal nesse genero de serviço...

Os signaleiros demonstraram uma instrucção incompleta.

E a critica!... Santo Deus!...

Apenas o major de um dos grupos fez o que se poderia chamar de critica, a dos outros foi uma calamidade, tal como já se tinha notado no dia anterior com os commandantes da cavallaria.

As Manobras de Cavallaria foram sobremodo teis por se ter pela primeira vez, em taes trabalhos, exercitado o R. S. C., relativamente novo ainda entre nós. Os ensinamentos foram muito, avultando entre todos o de tornar conhecida essa cousa triste, já tantas vezes repetida: — a fronteira do Rio Grande do Sul se encontra completamente des-

guarnecida. Não será uma cavallaria sem cavallos e sem armamento, nem uma artilharia sem material, sem tracção e sem officiaes, que ha de fazer frente a um inimigo com certa organização.

Tenho, entretanto, a impressão de que todos os annos se devem repetir manobras dessa envergadura na fronteira do Rio Grande do Sul, convencido como estou de que providencias hão de ser tomadas pelas nossas altas autoridades, para que dentro em pouco tenhamos as nossas brigadas de cavallaria apparelhadas de todos os elementos e do pessoal necessario para a sua inteira efficiencia. E só então serão ellas capazes de arcar com a responsabilidade honrosa de uma tropa de cobertura.

Porto Alegre,...

Presados camaradas directores d'«A Defeza Nacional». — Saudações.

E' sempre com o maior prazer e interesse que leio a «Defeza», organ que véla pelos assumptos que dizem respeito á nossa profissão, com desassombro, independencia e sobretudo justiça.

Justamente por não estar nos moldes daquellas qualidades que ornarn a vossa sympathica revista, uma noticia sobre munições do 7.º Regimento de Cavallaria Independente, peço venia aos distinctos camaradas para dizer a verdade, em resposta ao que vos diz o missivista d'A Provincia.

Em 22 de Dezembro de 1919 o commandante do então 15.º Regimento de Cavallaria enviou o seu pedido de munições para o anno de 1920; deu entrada no quartel general da Região em 29 do mesmo mez; no Serviço de Material Bellico em 2 de Janeiro; em 5 foi despachada a munição para o regimento, seguindo a 16 para Sant'Anna.

Como védes houve pressa em attender ao regimento, independente de empenhos ou pedidos particulares.

Desempenhando, presentemente, as funções de Chefe do Serviço de Material Bellico demonstrovos que não é verdadeiro o topico que ao Serviço se refere.

Ten. Cel. *Jonathas Borges Fortes*

São Luiz Gonzaga, 11—3—20.

Felizmente, os dirigentes comprehenderam a orientação que se deve dar ao preparo dos nossos futuros officiaes e um exemplo eloquentissimo desse facto é o actual regulamento da E. Militar, que leva a esse estabelecimento a missão de preparar officiaes de tropa, isto é, o militarisa. O academicismo, até que enfim, baqueou entre nós.

E o referido regulamento leva o seu espirito regenerador ao seio da propria caserna — a mais sabia das escolas — ao ponto de firmar no art. 153 que ella forma o complemento da preparação do aspirante.

Esse artigo diz: «Todo alumno que terminar o curso especial em que estiver matriculado, fica obrigado a praticar, por dois annos, arregimentado em unidade de sua arma, não podendo durante esse periodo ser distrahido para emprego algum, nem mesmo dentro da propria unidade a que pertencer».

Ahi está uma disposição que a Administração da Guerra podia fazer cumprir em beneficio

os nossos officiaes e especialmente da tropa que não perderia os seus instructores, quando elles se estão formando praticamente, para tel-os etidos em serviço de intendencia, pesando baa, conferindo o numero das chcaras, etc. . .

E é triste que especialmente connosco que temos cumprir nosso dever, estimulados pelo desejo de contribuir para que a tropa daqui progrida e se approxime da da cõrte, sejamos victims, pois é preciso uma força de animo extraordinaria para não descerer diante da facilidade com que, por aqui, um boletim deroga um regulamento.

E como não acreditamos que se escrevesse o art. 153 sem o proposito de colher os fructos do seu acerto, pedimos attenção para elle e uma providencia que evite o arbitrario afastamento dos novos officiaes das funcções que lhes são proprias e onde muito têm que aprender.

Lorena, 20—3—20.

As apparencias enganam! Encoberto pela razão louvabilissima, da necessidade da instrucção militar, o Sr. Ministro da Guerra combinou com o da Viação, a dispensa do 4.º B. E. da commissão em que se achava na construcção da E. F. Piquete a Itajubá. A verdade, porém, ha de ser outra. Os B. E. estão ainda desprovidos do material indispensavel á sua instrucção especial, e, por isso, as suas praças recebem apenas a parte da instrucção de infantaria que é commum a essas duas armas. Só o 1.º B. E. faz excepção porque é o unico que tem algum material. Pois bem, aquella parte da instrucção de infantaria tem sido ministrada regularmente as praças do 4.º B. E., sem prejuizo dos serviços de que elle estava encarregado. . .

Que melhor escola pode haver do que aquella em que se vê, se aprende e se pratica? Que instrucção pode haver mais proveitosa para um batalhão de engenharia do que aquella que elle recebe fazendo de facto serviços de engenharia? Pois, será possivel que alguém julgue que as prelecções theoricas, que se hão de fazer nos quartéis, tenham mais valor para a instrucção pratica das praças do que a execução do serviço que lhes dá os conhecimentos precisos?

Ha de se dizer que o 4.º B. E. não é unidade ferroviaria; sim, não é. Mas é preciso tambem que se diga que apesar disso, a instrucção militar, a pratica dos serviços de campanha que o 4.º B. E. adquire na construcção da E. F. Piquete a Itajubá é muito mais proficua do que a que elle terá no quartel, não só porque a construcção de uma E. F. é um complexo problema de engenharia, como porque as situações em que elle se achará no campo são reaes e não hypotheticas. Isto é: na construcção da Estrada as praças farão serviços de terraplenagem, de telegraphia e telephonia, de construcções de edificios e obras de arte, empregarão explosivos, acamparão, bivacarão, lançarão pontes de circumstancias nos reconhecimentos, prévios e definitivos, na construcção da estrada, etc., etc. e esses problemas vão apparecendo natural e realmente sem necessidade de creações suppostas.

O interesse da instrucção aconselharia que o Sr. Ministro da Guerra conseguisse commissões identicas para os 2.º e 3.º B. E.; por exemplo, que este partindo de Caxias e aquelle de Rio

Negro, atacassem já a construcção da estrada que o Governo sabe tão necessaria. E' flagrante a contradicção entre essa providencia e o estado em que se acham os batalhões (inclusive o 1.º B. E.) quanto a officiaes e especialmente o 3.º B. E. quanto o material.

Está velado o verdadeiro motivo da dispensa do 4.º B. E. e talvez se o encontre fora do M. G., (*) nalguma sonhada concentraçõ de trabalhos ferro-viarios. Brevemente, talvez, seja dispensado por identico motivo o 1.º B. F. V. da estrada de ferro de Cruz-Alta a Porto-Lucena. . .

(*) N. da R. — Não será porque os nossos officiaes de engenharia precisam primeiro aprender «planimetria, nivelamento, modelado do terreno, e o desenho perspectivo» que se informa não ser conhecido entre nós, apesar de entre outros «A Defeza» ter publicado trabalhos com sua applicação?

A Educação da Tropa

(Com vistas aos alumnos da Escola Militar)

A leitura de um trabalho magnifico de Roger Maurice ditou-me a exposicão seguinte, que reflecte as palavras, idéas e observações desse fulgurante escriptor militar. Não fõra a discordancia em que me encontro com alguns dos conceitos emitidos pelo autor, teria preferido fazer a tradueção de seu opportunissimo estudo á escolha de alguns dos seus pontos essenciaes.

Roger Maurice entende que o exercito francez, utilizando os ensinamentos da grande guerra, não deve retardar a sua reconstrucção e procura assim pôr em foco aquillo que lhe parece fundamental á educação da tropa.

Como bases primordiais á formação do soldado elle apresenta o sentimento de disciplina, o sentimento do dever, o sentimento da honra. Os velhos principios de pedagogia militar permanecem inalteraveis; elles são de todos os tempos e de todos os paizes. A instrucção do soldado só tem um objectivo: preparal-o para a guerra. Não ha guerras de conquista nem guerras de defesa; ha simplesmente a guerra; isto é, uma crise terrivel, um choque formidavel, no qual milhões de vidas humanas são sacrificadas pelo triumpho de um ideal.

Quando se defronta face a face a morte, os sentimentos e os instinctos que empolgam os homens são sempre os mesmos. Para reagir contra as suggestões da animalidade e do medo é insignificante a intervenção do regimen politico. Para affrontar o perigo, para conduzir ao cumprimento do dever o corpo que treme, os sentimentos de ha um seculo são estes mesmos que se torna necessario desenvolver presentemente, pois que só elles conseguem vencer o instincto de conservacão. Iludir-se-ia quem julgasse que a acção do homem na peleja resulta da maior ou menor influencia dos discursos patrioticos, retumbantes, vibrantes e incendiarios com que os oradores officiaes procuram falar á alma do soldado. Luta pelo Direito, pela Civilisação, pela Justiça, pela Humanidade. . . devaneios de rhetorica! Não porque os Exercitos não os comprehendam, mas porque as contingencias do momento não os comportam. Os gestos literarios têm a sua oportunidade e effi-

lencia na calma dos estacionamento, occasião em que o conforto permite ao soldado sentir-se em serenidade e reflectir tranquillamente. Nos momentos que precedem o assalto, o soldado não pensa no triumpho da justiça e da democracia sobre quaesquer militarismos e sim que se acha abrigado em uma trincheira e que dentro em breve encontrar-se-á completamente descoberto, exposto ao estrugir fulminante das metralhadoras, ao inferno tragico das barragens encadeadas e que são talvez aquelles os ultimos instantes de sua vida.

Assevera entretanto Roger Maurice, por experiencia propria, que tudo passa uma vez transpos alguns metros na direcção do inimigo; então não se pensa mais: o corpo está vencido.

O soldado parte afoitamente para o assalto porque elle sabe que é preciso partir, desde que todos o affirmam e desde que todos parem. «E' preciso ir», porque esta é a ordem do chefe; porque com elle, á sua frente, vae o commandante do pelotão; porque á sua direita e á sua esquerda vao os seus camaradas e combate; porque á sua retaguarda ha outros que vão também; porque elle não é nem pusillanime, nem um traidor; porque enfim, um soldado do seu regimento nunca tremeu ante o cumprimento do dever. Juntam-se a isso convicção que tudo está bem disposto e que se vae aniquillar o inimigo, confiança na victoria, fé em sua estrella, odio ao adversario, desejo de acabar, amor ao perigo, atracção ao desconhecido, esperanza de repouso, possibilidade de uma licença e ter-se-á apprehendido o estado de espirito do soldado que ataca.

Para que os homens de acção desafiem a morte, faz-se mistér que elles estejam possuídos de paixões violentas, de habitos profundos, de reflexões e instinctos poderosos.

A disciplina constituindo a força principal dos Exercitos, torna-se preciso que todo superior consiga de seus subordinados uma completa obediencia em todos os momentos. Firme e paternal, e não brutal e humilhante, ella se impõe e bem comprehendida por todo official esclarecido e consciente de seus deveres e de suas responsabilidades. «A attenção benevola do chefe», escreve o Marechal Pétain, é conforme as nobres tradições do exercito francez; não exclue de modo algum a firmeza.»

A disciplina é a obediencia ao chefe qualquer que seja o seu grau e a sua personalidade, porque elle é o chefe; obediencia exigida e reflectida, porém completa, immediata, absoluta. O soldado disciplinado obedece á ordem que é a expressão da vontade hierarchica; executa-a sem discutir, sem segunda intenção, seja qual for a autoridade de onde ella promana e o que ella affirma.

Ser disciplinado é trabalhar no sentido que deseja o superior, é ir ao encontro da ordem; é completar o que esta omittiu; é, por vezes, crear o que nella não existe. Ser disciplinado é sacrificar o interesse particular pelo interesse geral, é comprehender que se faz parte de um grande todo no qual cada um deve executar a sua tarefa, porque o sacrificio individual é imprescindivel ao successo do conjunto. Ser disciplinado não é ser mudo, passivo e resignado; não é fazer abdicção total de sua vontade e

de sua personalidade e collocar uma e outra ao serviço da collectividade, confiar-se e fiar-se no que dirige, querer o que elle quer, com toda a energia e executar o que elle commanda com toda a consciencia, toda a coragem, todo o devotamento.

As lições theoricas, os exercicios, as manobras, o cerimonial militar enfim, não bastam para crear o espirito de disciplina onde elle não existe, porém constituem meios poderosos para alimentar ou desenvolver este sentimento em um sentido util ao exercito. São igualmente estes mesmos movimentos, estes mesmos feitos, estas mesmas attitudes que permitem aos profissionais distinguir rapidamente uma tropa disciplinada de uma outra que o seja menos.

Embora tratando superficialmente do assumpto, julgamos todavia incontestavel que certas theorias, apesar de sedutoras são muitas vezes de applicação impossivel ou perigosa; Em materia de educação militar é preciso acompanhar de perto a realidade e não se illudir sobre os sentimentos dos individuos ou das multidões. Em regra ella se dirige a espiritos simples, de cultivo superficial, ingenuos, promptos ao enthusiasmo e ao desfalecimento. Sua educação não comporta explicações transcendentales, incompreensíveis para elles e fastidiosas para todos. Elles desejam que se seja justo e bom. Os jovens recrutados não querem senão ser conduzidos por um braço firme e docil; aspiram um chefe que tenha habilidade de não pilheriar com elles e sufficiente energia para afastar definitivamente qualquer factor de perturbações e qualquer conductor perigoso.

Os sentimentos de disciplina, do dever e da honra são muito bem comprehendidos pela collectividade, porém lhes é preciso uma manifestação mais sensível, mais exterior, mais directa. Uma religião que não tivesse nem ministros, nem culto, nem rito não seria popular, activa, diligente; igualmente uma disciplina sem cerimonial, sem insignias de veneração, sem movimentos creando reflexos, não saberia ser collectiva, efficaz e poderosa. Os gestos, as tradições, os ritos da disciplina desenvolvem este sentimento.

E' necessario que certos actos se tornem automaticos, que certos movimentos passem ao estado de reflexos, se queremos que a educação militar atinja o fim a que se propõe: a disciplina no campo de batalha.

Alguns espiritos acreditavam que o maneo d'armas, os movimentos chamados de escola de companhia ou batalhão, as formações da parada, eram os ultimos vestigios dos regulamentos regios e os residuos de antigas praticas dos exercitos de profissão, aos quaes ainda se prendiam alguns militares rotineiros, incapazes de qualquer iniciativa por se accommodarem estreitamente aos regulamentos. Pretextando que o atirador que visa rapidamente o inimigo não precisa saber fazer «hombro-armas» para disparar o fusil, parecia que tal movimento devia desaparecer.

Porque na guerra não se evolue senão em columnas de batalhão ou em linha desenvolvida, houve quem considerasse tempo perdido o empregado nas escolas de pelotão, companhia

e batalhão. Supponho que nenhum official antes da guerra teve a simplicidade de acreditar que se empregariam no campo de batalha as mesmas formações em ordem unida, então usuas nas revistas ou paradas. O objectivo desses exercicios é constituir a disciplina de fileira, obter e assegurar a disciplina collectiva. Elles transformam a multidão em uma tropa, a turba movediça, impulsiva, impossivel de dirigir em uma massa que se move, se detem em ordem, conforme uma vontade. Cada um tem seu lugar, um papel a fazer, uma ordem a executar. Os chefes que praticam taes movimentos engendram, pela espontaneidade da execução, o reflexo da disciplina. Pelo prévio adextramento individual, pelo sentimento de ordem, pela imitação, uma ordem breve dá lugar a uma execução immediata; a vontade do chefe arrasta instinctivamente a obediencia da tropa. Ahí está porque esses exercicios tão remotos, parecendo tão afastados das realidades do campo de batalha, constituem ao contrario uma directa preparação para a guerra. O soldado que obedece por intuição ao commando «ordinario-marche» no campo de exercicios, cumprirá qualquer ordem no campo de batalha. Habituaado no terreno de exercicios a se achar na mesma fileira que seus camaradas elle ahí se conservará quando os seus companheiros se conduzirem sob o fogo, para a frente.

Além disso, junto a todos os sentimentos que o impulsionam no momento da partida para o assalto, sentimentos que se contrariam e se podem neutralisar, esse automatismo pode ser o peso que faz pender a balança, e o supremo argumento que faz o soldado saltar para a frente, com seus camaradas, empós o chefe.

Não ha quem ignore que esses exercicios são muitas vezes pouco attrahentes ao soldado porque não raro são tão mal concebidos e tão mal conduzidos, que se tornam enervantes, fastidiosos e acabam por crear o sentimento inverso do espirito de disciplina. Todos nós já vimos um sargento commandar durante meia hora «direita-volver» successivos a um pelotão de individuos deploraveis que atravessam uns máos quartos de hora.

Aos que ainda duvidassem da efficacia da disciplina de fileira, opporíamos as lições da grande guerra.

Nos momentos criticos é aos movimentos em ordem unida que têm recorrido os chefes energicos, quando percebem que a tropa, sob a acção da fadiga, do medo, ou factores outros depressantes, lhes escapa.

Em principio de 1916, um corpo de tropa, depois de batido e tendo perdido mais da metade de seu effectivo, acantonou ao amanhecer em uma povoação. Ao meio dia, seu commandante recebeu ordem para effectuar um novo ataque. Os homens, que contavam com alguns dias de repouso após um mez de combates incessantes e gloriosos e que já se haviam entregue ao descanso, suprehenderam-se com tal ordem. Uma vez postos em forma, os commandantes de companhia fizeram que as suas unidades trabalhassem durante quinze minutos em ordem unida, em seguida o commandante do corpo o fez desfilar em sua frente, — pois nunca unidade alguma pareceu tão bella e tão na mão de seu chefe quanto esta ao deixar o acantonamento;

bateu-se ainda ardentemente e o descanso só teve lugar dois mezes depois.

Nos ultimos dias de Agosto de 1914, uma brigada recentemente formada, abatida por continuas retiradas, manifestou signaes de destalhecimento. Seu chefe não vacillou; reuniu-a em quadrado, sob os obuzes, e manobrou-a como se estivesse no terreno de exercicios; dirigiu a todos um appello supremo, uma admoestação terrivel, e a empenhou, nesta mesma tarde, na batalha, portando-se, então, com denodo.

Em 1917, um coronel é informado de que um movimento de indisciplina está prestes a explodir no seu regimento. Prescreveu immediatamente uma marcha durante a qual commandou por espaço de uma hora, movimentos de escola de regimento e reentrou no seu acantonamento ao som de dobrados marciaes. Os espiritos se haviam acalmado, a disciplina e a ordem se tinham restabelecido.

A historia detalhada da Grande Guerra fornecerá centenas desses exemplos, por isso que por centenas se contam os das guerras anteriores. Pode dizer-se que sempre que uma flutuação e uma hesitação se manifestam na tropa, o chefe resolutivo não tem senão um bom meio para fazer sentir sua presença, manifestar sua vontade e assegurar sua autoridade, — é recorrer aos antigos processos de ordem unida, os unicos que lhe permitem retomar toda a sua tropa á mão por um unico gesto, uma ordem unica e reconduzir os irresolutos, os tímidos ou os cabeças, ao caminho da disciplina, da honra e do dever.

Sem querer citar nenhuma das numerosas instrucções dos diversos commandantes de exercitos, que são unanimes em affirmar a efficacia dos movimentos de escola do pelotão e da companhia para restabelecer a disciplina e a cohesão, constataremos unicamente que quanto mais progredimos na guerra, mais tenderam os regulamentos a estabelecer uma forte disciplina de fileira. A experiencia dos combates parecia mostrar, de dia para dia, a sua necessidade cada vez mais imperiosa.

Estabeleceu-se, especialmente para as pequenas unidades, verdadeiros schemas dentro dos quaes todos tinham o seu lugar designado, assignalado, prescripto.

Se, de outro lado, se procurava conservar a iniciativa de todos e a flexibilidade do conjunto, não era menos exacto que se chegava a impôr uma formação de combate tão minuciosamente definida qual, por exemplo, a columna do batalhão antes da guerra. Não se trata de discutir se o schema é bom ou mediocre, verificamos somente, que se fôra conduzido a concluir, pela experiencia da grande guerra, que a batalha actual, em virtude da tenuidade das formações que ella impunha, não podia ser dirigida sem a observação rigorosa da disciplina de fileira. O movimento para a frente da infantaria em ligação com a artilharia, factor indispensavel ao successo na tactica moderna, não seria possivel, vantajoso e exequivel senão conservando o conjunto uma certa rigidez, de modo que o chefe, em qualquer escallão em que estivesse collocado, fosse sempre capaz de commandar e de dirigir.

O argumento enfim mais frizante que nos occorre ao espirito em abono da nossa these, é dado pelo espirito do exercito inglez.

E' de todos conhecido o gráo da independência do inglez, o valor que o cidadão britannico dá ao absoluto respeito pela liberdade individual, o desinteresse quasi completo que, antes da guerra, mostrava pelos movimentos de conjuncto e paradas militares.

Entretanto, basta passar hoje algumas horas em uma região occupada pelo seu exercito para se conhecer a sua perfeita disciplina. As longas filas de caminhões, que transportam viveres e munições, vencem as estradas obedecendo a uma rigorosa disciplina de marcha; as paradas bem limpas, brunidas, reluzentes desfilam em uma inalteravel ordem; seus homens, seguindo para o acantonamento ou para o cumprimento de qualquer missão, o fazem em ordem, sem negligencia. E' que o exercito inglez comprehendeu depressa que a mais severa disciplina é a condição, «sine qua non», de toda organização que se destina á victoria, e que, para obtela rapidamente, era indispensavel submeter os seus homens e os seus quadros a uma passividade collectiva de todos os momentos. Todos sentiram a sua necessidade e admiram os seus resultados. Seu espirito comprehendedor sujeitou-se, de bom grado, ás exigencias das circumstancias, fazendo abstracção das tradições seculares e dos antigos habitos.

Diga-se porém, de passagem, afim de que se não tirem do exemplo britannico conclusões que seriam completamente falsas, se a Inglaterra organizou um admiravel exercito que contribuiu poderosamente para a victoria dos alliados, é porque ella já possuia a disciplina collectiva. A multidão ingleza é disciplinada; ama o asseio e a ordem. São porém os sports, acima de tudo, que têm disciplinado o povo britannico. Os jogadores de «foot-ball» reconheceram de longa data que o elemento principal da superioridade das equipas inglezas era a sua constante e perfeita disciplina do jogo. E assim é nos demais sports praticados fervorosamente por todos os inglezes.

O espirito da disciplina se manifesta diariamente por formulas, gestos ou attitudes que se podem grupar sob a denominação de signaes exteriores de respeito. Seu emprego diario diminui o valor educativo, porém isso accentua a sua imperiosa necessidade.

A questão do tratamento é secundaria. Ao soldado pouco importa isso.

Ha, além disso, a saudação militar por meio da qual o militar manifesta o seu respeito e a sua attenção em presença do superior, testemunhando assim sua solicitude affectuosa... e sua polidez.

Creio que não existe nenhum general, nenhum commandante de corpo que, durante a grande guerra, em varios recontros, não tenha tido necessidade de lembrar a obrigação que todos têm de se saudarem.

Foi mesmo precisa intervenção energica e uma circular do Ministro da Guerra autorisar os officiaes a reco'herem immediatamente aos seus corpos os licenciados que «esquecessem» ostensivamente de cumprimentar seus superiores. O soldado francez só com esforço faz a saudação. E' essa uma deploravel constatação no povo mais polido do mundo, reputação que tende aliás a desaparecer em certos meios,

mesmo de bem educados. Não é emim mal da gentalha de todos os grãos e de todas as situações em que a aptidão e a importância estão acima das leis da polidez e das regras de disciplina, — pois ha muitos officiaes jovens que negligenciam em serem saudados e sobretudo de saudarem seus superiores ou seus eguaes.

Quem não saúda é indisciplinado. Seja por «espirito», por basofia, por estupidez ou por descortesia, aquelle que não cumprimenta falta a um dos soberanos deveres da disciplina militar.

Saudar, é executar uma ordem; é dizer ao desconhecido que se saúda: inclino-me ante vós o superior, o exercito e a lei. E o superior que recebe e retribue a continencia, exprime por sua vez o respeito ao uniforme e sua sympathia por seus subordinados.

Os militares exercitados não se enganam: o modo como os homens de um corpo de tropa fazem a saudação lhes dá immediatamente uma idéa do espirito de disciplina que ali existe.

As attitudes militares desenvolvem e confirmam a disciplina individual e a disciplina collectiva. Repetimo-l-o ainda, visto ser usual esquecel-o em todos os discursos sobre educação militar e es-a se dirige á alma simples, facilmente accessíveis ás impressões da força, do respeito, para os quaes a maneira como um sentimento se manifesta tem mais importancia que o seu proprio valor. Antes que o espirito de cada um dos homens procure investigar o motivo porque deve obedecer ao tenente, — assim elle procede de ha muito tempo. Aprendeu, desde a sua entrada na caserna, que o tenente deve ser um cidadão forte e distincto, desde que todos o cumprimentam, a sentinella lhe apresenta armas e quem delle se approxima para lhe falar é com respeito e perfilado. Todos os raciocínios não prevalecerão contra isso. Supprimi brutalmente as attitudes de respeito e de golpe a disciplina nascerá e se propagará rapidamente.

A lição da guerra é evidente: as tropas que se batem bem são as que manobram bem. Apellamos para os que tiveram oportunidade de julgar e que se queiram pronunciar sem espirito de partido, com independencia. Todos dirão que as boas tropas no fogo são as que saúdam bem, marcham bem e manobram bem.

Convém, desde agora, proclamar esta lição da guerra. Por algumas dezenas de annos assistiremos ao desabrochamento de toda uma litteratura de guerra que, infallivelmente, não será sempre muito veridica. Os historicos dos corpos de tropa deixarão em silencio as fraquezas momentaneas, ou as disfarçarão habilmente. E' a partir de agora que se não deve hesitar em dispôr as lições dos factos, agora que podemos erguer a frente, agora que as nossas bandeiras, — sem excepção, — cobertas de gloria nos autorisam a falar com franqueza e lealdade. A vitalidade e disciplina militares francezas estão sufficientemente affirmadas para que se possa confessar os erros e falar dos desfallecimentos. O exercito cumpriu a sua missão magnifica; é preciso que saiba aproveitar os ensinamentos da guerra. Não se trata de classificar as armas, os corpos de tropa, etc. Declaramos simplesmente, collocando-nos num ponto de vista mais elevado que, durante toda a guerra, as tropas que se bateram com maior impetuosidade,

e heroismo foram as que saudavam correntes, as que tinham a garridice de seus chefes, de seus acantonamentos e mesmo de trincheiras; as que desfilavam bem, que viviam em ordem nas estradas, que trabalhavam sem descanso, que manobravam de modoavel numa infatigável dedicação ao cumprimento do dever; foram, em uma palavra, as disciplinadas.

Os regimentos da activa, foi justamente a que faltava uma rija disciplina colectiva, aos trabalhos do trabalho que se tornou necessario para exigencias especiaes no sentido de arrastar o cumprimento do dever. Quanto aos da reserva argumentou-se com a nenhuma instrução profissional dos quadros. Todavia, a nosso ver não basta: a prova está em que a maior parte dos regimentos da reserva bateram-se admiravelmente, melhorando á medida que o tempo ia.

A rapidez da mobilisação e a concentração dos quadros julgaram impossivel retomar a multidão de mobilizados e transformar numa tropa disciplinada. Tais quadros accrescentavam que bastaria entoar estrophes patrióticas para ir ao Reno e julgavam que um pouco de entusiasmo os conduziria, sem nenhum auxilio, pelo caminho do triumpho. E eis os mesmos quadros que não davam disciplina de fileira, a que se adquire pelos hábitos, attitudes e ritos de cada dia, a disciplina capital que devia ter.

Aviam que o seu exemplo bastaria, após a publicação, algo ridicula, de sua boa vontade laivos de incontida paternidade. E eis os primeiros obuzes, aos claros abertos quadros, sua tropa cedia terreno; seus horizontes estavam em desordem, ás vezes sem ar, outras calcando os habitantes aos quaes de pavor. A's perguntas que lhes não tinham senão uma resposta que não justificava: «Perdemos todos os nossos chefes; não era possivel continuar a re-

...tropa verdadeiramente instruida e disciplinada. Bate-se mesmo depois de haver perdido os seus officiaes; bate-se ainda quando não possuía mais chefes, pois que ha sempre estado valoroso para assumir o commando e cumprir o dever; bate-se enfim até o ultimo momento, porque quando não existem mais grades, resta a ordem, a ordem imperiosa, e a disciplina do chefe.

Os soldados se recuperam na imminencia do perigo. Foi o Marme. Desappareceram as nossas tropas do começo da guerra; saíram-se os nossos corpos de elite, a que nos sorria. O sacrificio da flôr da juventude, da elite, da nossa mocidade, do nosso exercito, de nossos admiraveis soldados não foi em vão. A aventura acabara conduzida a um desastre, fôra cara a lição, devia aproveitar a todo o exercito. Comentei desde logo que a guerra que era para fazer não se contentava com proclamações inflammas e comparações audaciosas; e mistér alimentar o sopro patriótico e o guerreiro que a victoria vinha reavivar, e continuar a luta e fazer aceitar o sacrificio, era preciso aproveitar as maravilhosas qualidades do soldado francez para estabelecer e exigir uma disciplina absoluta, condi-

ção indispensavel ao triumpho. Foi nos meios e processos cujo valor educativo temos rapidamente exposto que os chefes e os quadros subalternos encontraram os indispensaveis recursos. A disciplina estabeleceu-se, disciplina franceza, energica e persuasiva. Muitos tambem dentre nós surpreenderam-se de lêr nos jornaes mais devotados ao exercito, artigos pedindo que os períodos de descanso fossem consagrados a repouso absoluto. A tropa devia continuar nos acantonamentos e nada fazer, mesmo que fosse uma hora diaria de exercicio. Era esquecer que a ociosidade é má conselheira como ainda dar mostras de absoluta ignorancia dos meios efficazes á manutenção da disciplina; tanto é isto verdade quanto se pode ser um grande escriptor, ter uma solicitude extremada pelo exercito e pedir a adopção de medidas que acarretariam a ruína da disciplina.

A disciplina soffreu na primavera de 1917, uma crise terrivel. O soldado francez a quem se fizera entrever a victoria proxima, desiludira-se. Pessimista e agitado, se deixou seduzir por criminosas solicitações. Murmuraram-se em certos corpos de tropa infamantes aleivosias sobre officiaes e graduados. Fizeram crer a certos espiritos que, se o soldado se libertasse desses aproveitadores da guerra, o deixariam arrogantemente matar para melhor aproveitar, aceleraria sem duvida, a conclusão de uma paz sem victoria.

Sabe-se o resto. Será este o eterno mérito do Marechal Pétain de ter rapida e integralmente restabelecido a disciplina no momento em que mais do que nunca ella se fazia indispensavel. Não ignoravam os soldados francezes que elle consubstanciava o chefe avaro de seu sangue, inimigo das tentativas custosas e pouco productivas; parecia-lhes com justa razão, que tinham em Pétain um defensor. Repetiam-se os principios tão sabios e diversas vezes confirmados pela experiencia da guerra, e todos sabiam «que elle não usava atavios». Algumas acções demoradamente preparadas e bem conduzidas trouxeram a confiança, as recompensas foram largamente distribuidas e as concessões justificaveis foram opportunamente attendidas. Sem reclame, sem popularidade brilhante, não obstante o seu accesso frio e severo, o Marechal Pétain tornou-se o chefe amado do homem da caserna.

Não tolerando nenhuma negligencia, evitando toda fadiga inutil, a disciplina franceza, solida e benevola devia conduzir-nos a dias gloriosos.

Estas linhas são uma synthese do pensamento de Roger Maurice. Procurei transplantar para ellas, com o objectivo de ser util ao joven exercito nacional, aquillo que se poderia chamar a medulla, a espinha dorsal do brilhante trabalho do escriptor militar francez. E' muito certo, e constatamol-o com justificado orgulho, os motivos ahí discutidos, como ensinamentos da grande guerra, vivem na letra e no espirito dos nossos regulamentos.

Surprehendente é, e dizemol-o com satisfação, a constatação de que as asserções do articulista gaulez já de longos annos constituíam o centro vital na educação militar da Allemanha gloriosa e talvez imperecível.

Assim é que Von Wedel em o seu «Comman-

e de Companhia», publicado em 1911, afirma: «ao mesmo tempo que os exercicios de parade fizeram-se os de parada, os quaes pela de importancia que tem para a disciplina se executam com a maior precisão. Segundo as formas prescriptas devem ser ministrados com o maximo rigor de execução, como meio indispensavel de assegurar e garantir a disciplina».

Von der Goltz, — o mestre dos grandes exercicios, — affirma com uma clareza meridiana: «a exigencia de um bom manejo e de uma marcha de parada são necessarias á disciplina de combate da tropa».

«Vemos que tudo isso já é muito claro para os inimigos da ordem unida se apercebendo do erro em que persistem, sustentem o passo de frente com que se lançam á sua destruição...»

1º Tenente De Moraes.

O serviço de um anno

Com titulo identico, publiquei em uma das nossas revistas militares um artigo sobre este momentoso assumpto, em Abril do anno ultimo.

«Embrava naquella occasião que, para termos o serviço de um anno, seria necessario fazer a desincorporação em pequenas turmas, de maneira a fazer desaparecer a perigosa crise de effectivos no fim do anno, em que as unidades ficam sem valor combativo.

O sorteio deveria ser feito em Setembro para a incorporação em 1 de Dezembro, de modo que em Agosto seriam realisadas grandes manobras, constituindo a primeira de 7 de Setembro (*), a revista final dada pelo chefe de Estado, á tropa completamente instruida. Feita a incorporação, pois, a 1 de Dezembro, a 1 de Setembro far-se-ia um segundo sorteio dentro de cada corpo, entre os incorporados, com exclusão dos sorteados que são analfabetos no momento da incorporação, para sortear 50% do effectivo que teria baixa a 8 de Setembro solememente, ficando os restantes 50% obrigados a servir durante 17 mezes, portanto a 1 de Maio do anno seguinte, epoca em que os novos incorporados teriam terminado a promptos da escola de recrutas. Inconveniente esta medida é exequivel pelo augmento de despesa, pois, a economia resultante da baixa de metade dos incorporados no nono mez, sommada á economia da não incorporação de todos

*) N. da R. — Tambem ficará bem realisada a manobra em seguida á grande parada de 7 de Setembro.

os homens no mesmo dia, daria para manter a outra metade durante 5 mezes.

A leitura da obra do general Maitrot «Le Nouvel Etat Militaire de la France», suggeriu-me outra solução, parece-me que já adoptada na França. O nosso Exercito seria composto, além do seu quadro de officiaes, de sorteados de um anno e voluntarios de cinco annos substituidos annualmente á razão de 1/5. Para obtermos estes voluntarios que só seriam accetados, sendo de comprovada boa educação, sabendo ler e escrever e com trinta annos no maximo de idade, offereceríamos nos 3 primeiros annos, soldo e gratificação de soldado, no quarto e quinto soldo e gratificação de anseçada, sendo-lhes entregue ao terminar a praça, um premio de 1:000\$000, correspondente a uma economia annual de 300\$000, que nenhum dos nossos operarios consegue fazer. Além destes favores poderíamos desarranchar-os sempre que elles solicitassem este favor (muito apreciado pelos soldados) ficando porém o commandante da unidade com a prerogativa de arranchar-os nos casos de mobilisação, manobra, exercicios prolongados fóra dos quartéis, promptidões e serviços de guarnição externa. Estou certo que com estes favores obteríamos voluntarios.

Tomando por base os quadros do effectivo de instrucção do exercito para 1919, considerando organizadas todas as unidades, inclusive os 3.ºs batalhões de todos os regimentos e as ambulancias divisionarias, considerando porém os batalhões a 3 companhias, cheguei a um effectivo em praças de 51,485, sem contar com os alumnos das escolas militares e sargentos amanuenses. Deste effectivo, 12,159 são sargentos, artifices em geral e empregados e 39,326 são cabos, anseçados, soldados e soldados conductores; o primeiro grupo seria composto de voluntarios de 5 annos e o segundo de 1/3 de voluntarios de 5 annos e 2/3 de sorteados de um anno. Teríamos o exercito formado de 25,267 voluntarios de 5 annos e 26,218 sorteados de 1 anno. Devendo fazer-se a substituição dos voluntarios á razão de 1/5 annualmente, o exercito incorporaria 26,218 sorteados e 5,053 voluntarios, ou um total de 31,271 homens. Dos 25,267 voluntarios apenas 10,540 receberiam soldo e gratificação de soldado, pois que os restantes seriam sar-

gentos, cabos e anspeçadas, sendo necessários 758:880\$000 annuaes para o pagamento da gratificação. Sendo a substituição dos voluntarios annualmente á razão de 1/5, teria o orçamento de ser accrescido da importancia de premios em um total de 7.579:500\$000. O voluntario de 5 annos galgando os postos de sargentos poderia engajar-se até completar 35 annos de idade e neste caso ao terminar a sua primeira praça, receberia mediante pedido seu, até 500\$000 de premio, sendo o restante depositado numa caderneta da caixa economica, que ficaria recolhida na secretaria do corpo, até exclusão do proprietario, das fileiras do exercito activo.

Outros problemas que devemos encarar são o da educação militar de toda a classe incorporavel, o das isenções em tempo de paz e o da idade para incorporação. Aos 21 annos muitos dos nossos patricios já constituíram familia; conheço pessoalmente dois casos de sorteados para este anno, um com 22 annos completados no anno passado e outro com 23 completados empregados em uma empreza particular em Janeiro ultimo, com dois e tres filhos, que os licenciou sem vencimentos, ficando suas familias sem recursos. O sorteio deveria ser feito na classe de 19 annos e todos os casados deveriam ficar isentos do serviço na paz. Para conseguirmos educar toda a classe sorteavel o alvitre que se me apresenta é chamal-a toda, incorporando ao exercito os que fossem sorteados e matriculando obrigatoriamente nas sociedades de tiro o restante, sendo incorporados ao exercito no anno seguinte aquelles que não conseguissem tirar as suas cadernetas de reservistas. No periodo de manobras, porém, seriam todos incorporados por 15 dias para tomar parte nellas, afim de melhor completarem a sua aprendizagem.

Março de 1920.

Capitão Castro Ayres

o anarchico systema da *subscrição*: completar o effectivo de alguns corpos á custa de muitos outros.

Em ultima analyse póde-se considerar que o problema do momento foi bem resolvido. Comtando, porém, que assim se tendo feito vista grossa ante innumerables deficiencias e vícios que ainda se revelaram, as autoridades todas aproveitem o lembrete que o caso representa e ponham devéras as mãos á obra para corrigir.

Queremos nesta rapida nota apenas fazer resaltar um detalhe, relativo á duração do serviço militar. De um lado é muito de admirar não tenha havido uma grita triumphal contra o serviço de um anno, como sendo causador da difficuldade que o Governo teve em achar um corpo de tropa em condições de ser empregado, sem arranjos de ultima hora no pessoal. Talvez seja porque os irreductiveis adversarios do «um anno» já se pejem de fingir ignorar que o serviço de um anno não significa a renovação annua total das praças simples: implica a retenção de um certo numero d'ellas por mais de um anno, pelo menos até o fim do periodo de recrutas.

O serviço de dois annos tambem não evitaria a crise do periodo de recrutas, pois igualmente ahi a metade das praças simples são novas nessa phase.

De outro lado temos o prazer de informar que as mais altas autoridades militares cogitam de uma solução para esse problema — de haver durante todo o anno força «prompta». — Além de innumerables vantagens para o anno de instrucção, essa solução permite conservar a duração geral de um anno. E' bem um ovo de Colombo: dividir o paiz em duas zonas de incorporação, fazendo-se esta numa d'ellas em uma data, na outra zona em outra data. Assim não haverá uma epoca em que em todo o paiz toda a tropa esteja no periodo de recrutas. Em caso de necessidade de empregar a tropa na manutenção da ordem interna, e que não convenha appellar para o supremo remedio da mobilisação, bastará recorrer ao transporte de unidades promptas de uma zona para outra. Isto mesmo só será necessario em casos graves. Pois as unidades mesmo que se achem na phase de recrutas hão de ter um «saldo» ou «fundo» de praças antigas: todo o seu quadro de graduados, e

A Bahia e o serviço militar

A perturbação da ordem interna no Estado da Bahia veio encontrar o Exercito, talvez calculadamente, num estado de crise, como elle inevitavelmente com o systema do exercito nacional terá que atravessar nas occasiões da renovação do pessoal.

Mais uma vez, levado por essa circumstancia, teve o Governo que appellar para

doze ou dezesseis praças simples por companhia, esquadrão ou bateria.

E já que se está com a mão na massa é muito provável que se aproveite para concertar todo o anno de instrução — desde a data da incorporação, portanto — de modo a corrigir as nossas épocas de manobras: Setembro no Rio e Norte, Março no Sul.

O terreno e o commando das tropas

De um livro do coronel von Hagen, traduzido pelo capitão J. E. Pfeil.

(Continuação)

Descrição da secção de terreno entre os arroios Kanner e Bibisch

A impressão que o official obtem do terreno deve traduzir-se sob fôrma de *descrição*, para que se possa bem salientar a diferença existente entre esta e o relatório a apresentar mais tarde.

A secção ou corte de terreno inter-acente aos arroios Kanner e Bibisch — estes seriam pelo contrario designados como linhas no terreno — é uma lomada, de 4 km. de largura, que se dirige de S. para N.

Sua crista assignalada pelos cumes 255, 262, 251, etc., acha-se afastada em média 1 km. do arroio Kanner, para o qual se inclina rapida e convexa, ao passo que o pendor occidental, largo, suave e uniformemente inclinado para o Bibisch, só toma a fôrma convexa nas proximidades d'este.

A altura 252 é no panorama a maior elevação e por isso de grande significação como observatorio.

Ao passo que a encosta de leste é em sua quasi totalidade coberta de matto, a de oeste até Diesdorf é completamente descoberta e unida.

Diesdorf constitue, por assim dizer, uma cabeça sobre a ponte do Bibisch e fôrma, juntamente com a estrada de ferro Diedenhofen-Teterchen a qual limita a dilatada orla occidental da aldeia, uma linha extraordinariamente forte em consequencia de disposições especiaes ali reunidas.

Ella é flanqueada ao N. pelo bosque Ueberbibisch, situado a 1 km., e ao S. pela aldeia Metzterwiese distante 1,5 km.

O terreno de accesso do inimigo ao oeste do arroio Bibisch é o ultimo e mais

baixo escalão da descida para a Mosela, desde o divisor das aguas entre este rio e o Saar.

O movimento de grandes massas, atravez do terreno, varias vezes cortado pelas mattas, fica limitado á estrada, até que o terreno mais livre situado contra o arroio Bibisch e ao sul da grande estrada permita um avanço de frente mais extensa, e um desenvolvimento de algum modo coberto pelas pequenas alturas Stükingen-Walsdorf.

Reconhecimento detalhado, comparação das posições e decisão.

A imagem plastica que o official obteve por estas cogitações lhe mostra claramente que á defensiva pretendida se offerecem duas posições:

1.^a Na altura 262.

2.^a Em Diesdorf.

A escolha da posição exige uma cuidadosa comparação das conveniencias do terreno com as varias exigencias do fim tactico que se tem em vista, a defesa tenaz.

Por mais escasso que seja o tempo, a importancia da decisão exige que o official reconheça a posição em Diesdorf. Elle cavalga rapidamente para a estação ferrea de Diesdorf seguindo a cumiada que fica ao N. da estrada, observando ao mesmo tempo o terreno situado ao N. da aldeia e tambem sua orla septentrional, recordando as condições tacticas na ordem em que se acham expressas em A.

D'ahi resulta a seguinte:

Descrição da posição em Diesdorf

A frente da posição em Diesdorf tem mais ou menos a cota 200. A aldeia se estende na direcção O-L e está situada em um valle que vem da altura 262. A posição não é pois dominante.

O adversario pôde realizar sua aproximação, a coberto, até 2.000 m. e sómente na sahida do bosque Stükingen-Walsdorf se expõe elle ás vistas e ao fogo do defensor.

O campo de tiro não é ainda então livre em absoluto, porém o sufficiente para permittir que só um adversario de grande superioridade numerica possa realizar com exito um ataque de frente.

O arroio Bibisch obriga as armas montadas — a julgar pela carta — a se utilisarem das pontes existentes; não é, porém, um obstaculo para a infantaria em ordem aberta.

Os flancos não encontram apoio no terreno nem tão pouco offerecem campo de tiro livre, o que é tanto mais perigoso, quanto a posição, como já se salientou, está particularmente ameaçada do lado do N. pelo flanqueamento do bosque Ueberbibisch.

A extensão da posição desde a estação ferroviaria até ao sul do cemiterio corresponde ao effectivo do destacamento.

A via ferrea, ora em aterro, ora em côrte, a aldeia de Diesdorf com sua frente mais forte ao O. e com seus castellos apropriados á constituição de reductos, tornam a frente da posição por si mesmo muito apropriada a uma defesa tenaz.

Deve-se, porém, tomar em consideração que por sua situação, as linhas e pontos de defesa da posição, facilmente reconhecíveis, offerecem alvos favoráveis á artilharia adversaria. Esta circumstancia é tanto mais ponderavel que, emquanto a infantaria da defesa encontra posição coberta e efficaz, sua artilharia tem apenas a escolher entre acceitar uma lucta desigual na descida descoberta ou ficar recuada até a crista, para entrar efficazmente na lucta só depois que a infantaria tiver evacuado Diesdorf.

A essas fortes desvantagens accresce ainda que os terrenos de accesso e retirada estão expostos á illimitada observação e ao mais efficaz, mesmo aniquilador, fogo inimigo.

Depois de haver contornado Diesdorf pelo sul regressa o official para a altura 262.

Descrição da posição na altura 262.

A posição não tem diante da frente nem nos flancos um obstaculo ou apoio como é necessario para uma defesa tenaz.

Faltam na posição uma linha de cobertura para a primeira linha de combate da infantaria e coberturas do terreno utilisaveis como pontos de apoio e reductos.

O terreno á retaguarda, pela sua forte inclinação, restringe o movimento de retirada da artilharia á estrada para Inglingen e á ponte unica sobre o arroio Kanner.

Finalmente ha o inconveniente da linha de retirada a Leste do arroio Kanner formar angulo agudo com a frente de combate, pois assim o flanco esquerdo fica ameaçado desde o começo.

Em compensação ha as seguintes vantagens:

A posição na cota 262 domina o terreno

em frente de modo que a defesa descobre as medidas do inimigo até Stükingen — portanto até 4 km. — completamente e d'ahi em diante, em parte.

O campo de tiro é o mais favoravel para a artilharia a cuja observação o inimigo só se pôde furtar no pequeno trecho entre o arroio Bibisch e a base da encosta.

O campo de tiro da infantaria é completamente livre na frente e tambem sufficiente nos flancos, emquanto o inimigo não execute movimento contornante muito afastado. Contra este seria então empregado o arvoredo, que circunda a altura em semicirculo (1:25,000 Mosenacker e Commes-Busch).

A posição não está limitada pelo terreno. Por isso o commando terá de evitar uma extensão frontal contraria ao objectivo da defesa.

A artilharia encontra na altura 262 e de um e outro lado da grande estrada posição coberta e dominante; a infantaria, avançada até a descida, tem campo de tiro efficaz. Como a infantaria não dispõe ahi de coberturas naturaes, ha necessidade de trincheiras. O official encarregado do reconhecimento deve, por isso, determinar a natureza do solo.

A praticabilidade na posição é sufficiente. A descida para o arroio Kanner permite disposição e movimento cobertos das forças de reserva e ainda, tirando partido dos arvoredos, escôamento coberto.

A aldeia de Inglingen constitue para o desfiladeiro do arroio Kanner uma cabeça de ponte natural. Sua situação de difficil accesso, seus predios solidos e seu castello — especialmente appropriado para reducto — elevam a capacidade da defesa.

Assim o terreno á retaguarda favorece uma retirada escalonada e mesmo uma resistencia tenaz e renovada por parte da infantaria.

Finalmente Schaf-Busch offerece um acolhimento vantajoso. O arroio Kanner, cujos detalhes não ressaltam da carta, necessita de um reconhecimento mais exacto.

Examinadas d'este modo as duas posições chega o official á conclusão de que nenhuma d'ellas satisfaz a todas as condições.

Seria um erro fundamental se o official quizesse d'ahi concluir: «Não existe

nenhuma posição para o destacamento entre os arroios Kanner e Bibisch».

As declarações, ainda hoje não raramente feitas, de que «não existe posição» ou de que «isto não é posição» devem ser evitadas e impiedosamente repellidos quando appareçam. Ellas vão de encontro ao principio fundamental, estabelecido na introdução, de que «o terreno se acha ao serviço do commando» e conduzem á inversão de pôr «o commando ao serviço do terreno».

Onde quer que o chefe precise ou queira bater-se ahi está uma posição e ahi deve o terreno ser acceito e utilisado do modo mais favoravel á situação tactica.

Nenhum terreno satisfará a todas as condições estabelecidas abstractamente por um commando pedantesco.

O chefe que quizesse exprobar ao official encarregado do reconhecimento o facto da posição não satisfazer a taes e taes condições, commetteria o mesmo erro que o official que quizesse regressar com a participação: «Não ha posição».

No caso vertente examinou, pois o official duas posições.

Ainda lhe sobram alguns minutos para decidir e compôr sua participação.

Elle examina os pontos principaes como se segue:

A posição em Diesdorf tem na frente um obstaculo relativo — o arroio Bibisch — permite á infantaria um alcance sufficiente e occupação coberta, corresponde em extensão á força do destacamento e proporciona, por suas fortes construcções especialmente pelos castellos apropriados á constituição de reductos, uma defesa tenaz da localidade; tem porém as seguintes decisivas desvantagens:

A posição não domina o avanço, nem a approximação e o desenvolvimento do inimigo, offerece, porém, á sua artilharia e infantaria o mais favoravel alvo. A decisiva coparticipação da artilharia e a acção isolada das duas armas principaes da defesa estão excluidas.

O flanco direito está fortemente ameaçado e o terreno á retaguarda expõe a retirada ao anniquillamento.

Ante taes desvantagens o official deixa de lado tal posição e prefere a da cota 262. Elle não desconhece os inconvenientes d'essa posição: frente e flancos sem obstaculo ou apoio; falta de limites lateraes, de cobertura e pontos de apoio no

interior; difficuldades á marcha de retirada da artilharia oppostas pelo terreno ingreme á retaguarda e pelo desfiladeiro do arroio Kanner e, finalmente, linha de retirada não normal á frente.

Entretanto apresenta vantagens decisivas: situação dominante, campo de tiro illimitado, posições cobertas para artilharia e reservas, circumstancias favoraveis á retirada e acolhimento da infantaria.

Assim não resta duvida para o official de que elle se deve decidir por esta posição e elaborar seu relatório nesse sentido.

Depois do relatório redigiremos tambem o resultado do reconhecimento sob a fórma de participação ou parte.

RELATORIO E PARTE

Cóta 262 a O. de Inglingen, 8/4/20 ás 9

Relatorio.

1.º—A posição não apresenta limites lateraes; ella domina o terreno que desce para a Mosella, tem vistas sobre a approximação e o desdobramento do inimigo e, num raio de 4 Km., sobre seus movimentos de desenvolvimento.

2.º—A encosta Oeste, de declive uniforme e livre até ás coberturas em Diesdorf, constitue um campo de tiro illimitado para a artilharia em posição de elevação 262 e a cavalleiro da grande estrada Inglingen-Diesdorf, como para a infantaria convenientemente avançada.

O mesmo succede em relação aos flancos até que o inimigo, por um largo movimento envolvente, alcance no direito a floresta de Walmesdorf, ou o matagal situado no esquerdo.

Esse movimento envolvente pôde ser efficazmente contrariado do matto que, em semicirculo abraça a altura (1:25.000 M. senacker e Commes-Busch).

A natureza do solo permite que a infantaria se intrincheire no mais curto tempo (supposição)

3.º—O terreno á retaguarda desentão as forças de reserva ás vistas do inimigo sobre seu livre movimento, favorece a retirada e permite que a infantaria realise uma defesa passo a passo, a qual na forte aldeia Inglingen pôde ser elevada á maxima resistencia.

A retirada da artilharia fica adstricta á grande estrada e á ponte do Kanner em Inglingen. Deve-se tambem levar em conta que a linha de retirada Inglingen-Monren (9 km. a leste de Inglingen) faz angu-

udo com a ala esquerda da frente
combate.

4.º — A retirada de Inglingen encontra
orla occidental de Schaf-Busch aco-
mento apropriado, a artilharia acha
va posição ao sul da estrada Inglingen-
dillingen (3,5 km. a leste de Inglingen).

Conclusão — A posição apoia assim a
ecução da defesa planejada pelo desta-
mento em tão elevado gráo que o mesmo
de contar com successo até contra
ças numericamente superiores.

r. de T.

1º Tte.

(tropa a que pertence)

Parte

66 raramente haverá nos reconheci-
ntos tempo disponível para um rela-
io; assim substituí-o á uma parte, com
mprego do impresso regulamentar.
A parte teria no caso em questão a
quinte composição:

Ao Coronel A.

Parte relativa á posição na altura 262
este de Inglingen.

A posição na altura 262, de um e outro
o de estrada Inglingen-Diesdorf domina
marcha de aproximação e o desenvol-
mento do inimigo; offerece á artilharia
póde realizar occupação coberta da
posição e á respectiva infantaria avançada
a qual se póde entrincheirar em tempo
ímimo com as pás — um campo de
ilimitado: a posição offerece ainda,
isado o matto que a abraça em semi-
culo, defesa contra tentativas de envol-
mento.

Merece attenção o angulo agudo que
ala esquerda da posição fórma com
directão da linha de retirada para Mon-
en.

A encosta á retaguarda cobre situação
movimento das reservas, permite des-
occupação coberta, retirada passo a passo
etomada tenaz da defesa por parte
infantaria na forte povoação Inglingen.
A artilharia em sua desoccupação fica
azida á grande estrada e á ponte sobre
anner em Inglingen.

A orla do pequeno bosque de Schaf
af-Busch) se presta para acolhimento
o sul d'esse matto a artilharia encontra
ção.

F. T.

1º Tenente

(tropa a que pertence)

E' util juntar ao relatório ou parte um
croqui ou esboço ou ainda, quando faltar
tempo, um exemplar ou pedaço da pro-
pria carta na qual se marcarão:

1.º — A posição que pareça apropriada á
artilharia e á infantaria.

2.º — Direcção e alcance efficaz dos
tiros:

a) para artilharia — traços amarelllos ou
pretos;

b) para infantaria — traços encarnados
ou linhas pretas interrompidas.

Não só nestes como em outros quaes-
quer desenhos militares tem importancia
capital a execução clara e característica.

A parte artistica terá importancia secundaria.

(A seguir: 2.º thema)

Escola de Aperfeiçoamento para Officiaes

Tal como a instituiu o Dec. n.º 13.451 de
29 de Janeiro de 1919 a E. A. O. destina-se a
completar a instrucção dos officiaes do exercito
e *aperfeiçoar-os como instructores e commundan-
tes de pequenas unidades*, e para esse fim dispôs
de tropas das quatro armas (art. 3.º, § 2).

A gradação que o referido Dec. estabelece
no seu art. 1.º, demonstra claramente a intenção
de fazer do curso de aperfeiçoamento um *com-
plemento* dos cursos d'arma e para evitar du-
vidas ahi neste art. ficou estabelecido que se
trata de um *curso de aperfeiçoamento d'arma*, o
que impede completamente que se pretenda dar-
lhe outra qualquer orientação, por mais bonita,
mais util, mais necessaria ou sympathica que seja.

Existem, a seguir, os cursos technicos de arti-
lharia e engenharia, de estado-maior e de re-
visão, este claramente destinado a estabelecer
a transição que permita aos officiaes, especial-
mente os superiores, acompanharem a evolução
operada nas demais escolas — não importa que
curso tenham, ou mesmo que não tenham nenhum.

A impressão que nos causou o destino e a
orientação do *curso de aperfeiçoamento*, salien-
tamos no n.º 65, de Fevereiro de 1919 e d'ella
voltamos agora a tratar porque já se vão de-
lineando mais positivamente os defeitos que pre-
viramos e que podiam e deviam ter sido evitados.

Nossa opinião é que o curso da E. A. O.
deveria ser um correctivo dos males que nos
invadiram pela indifferença, incuria e errônea
orientação das administrações que favoreciam
o mais insipiente dos doutorismos, sem a vi-
são dos destinos do exercito e com medo de
enfrentar as difficuldades consequentes ás no-
vas exigencias do preparo militar profissional.
Encastellados em demonstrações puramente theo-

icas que pouco se distanciavam de pedantescos caprichos pessoais, vasados em um meio sem experiencia e sem ardor militar, os nossos capitães de hoje, apesar do trabalho individual e espontaneo com que têm vencido algumas resistencias, pouco mais conseguiram, em geral, do que ser agrimensores ou engenheiros fardados, promptos para estudar ou praticar a guerra na escola lhes ensinou a detestar e a temer.

O ideal das novas gerações é, nesse sentido, um curso constituido com unidades modelares das armas, onde experimentados mestres estrangeiros ensinem a tactica applicada e dispam roupagem academica e livresca que lhes embaraça o espirito.

Este desejo porém, não vaé até a cegueira ou destruição systematica da nossa personalidade.

Si fomos os primeiros a dar alarma quanto aos defeitos da nossa instrucção pratica, e a pedir as luzes dos mais competentes e experimentados, não tinhamos, com certeza a intenção de provocar uma aparatosa e injusta demonstração da nossa incapacidade para entendermos o que se escreve em assumptos de generalidades, seja qual fôr o aspecto com que se pretenda justificar esse ensino, as quaes ou absolutamente não fazem falta a «instructores e edtes. e pequenas unidades» ou deveriam então ser reservados para o seu lugar apropriado: curso de estado-maior ou de revisão. Este é ponto capital, de onde nenhum raciocinio sério permite fugir, e que por isso mesmo é habilmente (?) contornado nas justificações!

Assim sendo e como nos parece agora que os membros da M. M. F. não estão informados e que neste pedaço da America já se conhece alguma cousa de geographia politica, economica e militar, assim como já se faz uma engenharia que não nos envergonha desde os tempos da nossa independencia, o que certamente acarreta possuirmos patricios que sabem topographia, deixamos nesta nota a expressão do nosso pesar pela facilidade com que se reduziu a nossa capacidade e, ainda mais, pelo applauso que eram a essa humilhação os responsaveis pelas culpas do nosso ensino, aquelles que sempre negaram recursos para o desenvolvimento das nossas escolas ou foram indifferentes aos seus destinos.

Mas é preciso esclarecer ainda que não é só os militares que vão para o curso de aperfeiçoamento, que *attinge* a insolita medida.

Todo o ensino brasileiro partilha do desprezo official, não só porque os cursos militares não são tão bons e tão validos como os civis que melhores pareçam, como porque no proprio curso de Aperfeiçoamento estão matriculados en-

genheiros militares e civis, agrimensores, bacalareis em mathematicas, officiaes que fizeram parte de commissões de limites do paiz, etc., em numero sufficiente para bem representarem o ensino que se ministra no Brazil.

Assim, *comnosco* que estamos convencidos destas idéias sobre o que temos de aperfeiçoar, que é muito e muito, e, portanto, sobre a destinação da E. A. O., e que consideramos os alumnos do curso de aperfeiçoamento capazes de estudar em francez, inglez, allemão ou hespanhol o que se ha descoberto e feito nos ultimos tempos, *não fica o desprezo official.*

Não temos delegação dos alumnos da E. A. O. para tratar desse assumpto e até nos parece que elles se dispõem a penetrar nessa escola com a resignação de considerarem nullos todos os estudos anteriormente feitos. Tambem não pretendemos provar a inutilidade do ensino a que alludimos.

Seria muito util tambem que se ensinasse portuguez, por exemplo. Segundo já é publico os estados-maiores envolvidos na guerra opinaram pela apuração do ensino da lingua materna aos officiaes, citando innumerados casos em que o desconhecimento della foi funesto aos respectivos paizes.

O que desejamos é que para o futuro se tenha um documento publico de que nem todos os militares calaram ante a destruição de seus direitos e o desconhecimento effectivo da sua capacidade, por detraz do seu tão apregoado alto gráo de adiantamento.

Tambem nós contamos com a **atenção do Governo.**

Fala o Marechal Bento Ribeiro

Na reabertura da Escola de Estado Maior

Meus Senhores,

Seja-me permittido dizer algumas palavras ao abrir-se esta Escola, que marca o inicio de uma nova directriz impressa ao preparo da nossa officialidade, pela ampliação de seus conhecimentos com luzes novas, emanadas de cultas intelligencias que augmentaram e fortaleceram o seu saber na pratica da grande guerra.

O momento é opportuno para fazermos certas affirmações que nos orgulham e que expressam verdades apercebidas pelo consenso geral, relacionadas em factos pelo paiz inteiro observadas.

Se á velha geração de officiaes que nos precedeu, coube a gloria de manter intactas as nossas fronteiras, vencendo as

maiores batalhas travadas na America do Sul, a officialidade actual, depois de coope-
 ar com efficiencia na regeneração politica
 do paiz, auxiliando efficaçmente a pro-
 clamar e a consolidar a Republica, tem
 presidido á transformação racional do
 exercito, empregando esforços continuos
 tenazes no sentido de seu aperfeiço-
 amento technico e profissional, de modo
 approximal-o em equivalencia aos seus
 congeneres organizados á moderna.

Fazemo-nos portanto justiça, radicando
 dentro em nós a convicção de que temos
 cumprido o nosso dever com patriotismo,
 augmentando sempre com desinteressada
 energia o fortalecimento da ordem e acce-
 lerando com o nosso trabalho incessante
 e proficuo de educadores, o progresso
 da nação.

Da observação attenta dos nossos varios
 regulamentos destes ultimos vinte annos,
 deduz-se a continuidade de um progresso
 notavel dos diversos ramos de preparação
 militar, tão extraordinario esse progresso
 que, instituido o sorteio, estivemos á
 altura da difficil tarefa que se nos impoz,
 e os conscriptos, sahidos da caserna reser-
 vistas, foram os maiores pregoeiros do
 nosso amor á Patria e ao trabalho, da
 nossa abnegação professional, e da nossa
 cultura.

Com effeito, as doutrinas compendiadas
 nos nossos actuaes regulamentos eram,
 antes da conflagração européa, as corren-
 temente preconizadas nos paizes de per-
 feita organização militar; porém, quatro
 annos de uma lucta gigantesca sobre um
 theatro de operações sem igual na historia,
 mesmo conservados immutaveis os grandes
 principios da guerra, modificaram, isso é
 intuitivo, a maneira de agir das differentes
 armas, obrigadas a aproveitarem com intel-
 ligencia no campo de batalha o progresso
 espantoso das industrias militares, culmi-
 nante nos mais perfectos engenhos des-
 truidores.

Mantermo-nos, por teimosia ou feti-
 chismo retrogrado, aonde atingiramos,
 seria conservarmo-nos estacionarios: ur-
 giam novas directrizes, e, os altos poderes
 publicos, indo ao encontro da corrente
 que se avolumava no seio das forças arma-
 das, solicitaram o auxilio dos nossos
 camaradas do exercito francez e uma
 Grande Missão da patria gloriosa do
 maior genio militar da historia moderna,
 achou-se ao nosso lado, cooperando com-

nosco pela transformação efficiente do
 exercito brasileiro, de accordo com os
 ensinamentos da grande guerra.

Velho soldado, porém, sempre domi-
 nado de juvenil enthusiasmo e extremado
 amor pela minha classe, orgulho-me em
 presidir ao inicio d'esta nova era, quando
 mais não seja, para significar com o meu
 applauso a alegria dos velhos officiaes,
 pela esperança bemfazeja que os empolga,
 ao verem, cada vez mais, augmentada pela
 aquisição de conhecimentos novos, a
 competencia da moderna officialidade,
 que, abroquelada em solido preparo pro-
 fissional, transformará em futuro proximo,
 o nosso exercito em um perfeito orga-
 nismo militar, garantia forte e absoluta
 da nossa paz e da nossa integridade.

Ao abrir-se esta Escola, na qual os
 competentes officiaes que constituem a
 missão chefiada pelo illustre General
 Gamelin, vão começar a vasta obra a
 que se propuzeram, com o ardor e enthu-
 siasmo que lhes impõem o justo e im-
 mortal renome do grande exercito a que
 pertencem, eu devo e quero affirmar a
 satisfação de todos nós e a boa vontade
 da officialidade em geral, para aprender
 e progredir, unica maneira de compensar
 aos desvelos e aos sacrificios da nação.

Anima-nos a certeza de que as fundadas
 esperanças de hoje se concretizarão na
 brilhante realidade de amanhã, e, o exer-
 cito brasileiro rejuvenescido por fecunda
 e solida instrucção e modernamente appa-
 relhado, em breve será o orgulho da
 nação, infundindo pela collectividade con-
 fiança, fé nos nossos gloriosos destinos.

O que traz de novo o R. I. S. G. 1920

Por decreto de 17 de Março de 1920 foi
 approvada a 2.^a edição do nosso R. n.º 1, e
 dentro em breve estará á venda no D. C. Já o
 publicou o Diario Official de 21. 3. 20.

Raro é o artigo que escapou de algum reto-
 que; todos os artigos conservam porém o mesmo
 numero que tinham na 1.^a edição, e aquelles
 que foram supprimidos em assumpto desappare-
 ceram com seu numero, isto é, a numeração apre-
 senta alguns saltos.

Seria fastidioso pretendemos nesta noticia
 estudar todos os artigos alterados; como já disse-
 mos, quasi nenhum deixou de ser modificado.
 Trataremos por isso de salientar sómente os
 pontos capitaes.

Do compromisso, da Bandeira e do Hymno. —
 Art. 2.º Em vez de «um mez depois da incor-
 poração» a cerimonia do compromisso passa a
 ter lugar «proximamente um mez antes do exame
 do 1.º periodo de instrucção». E accresce a re-
 commendação, sem dúvida nascida da observa-

ção de factos indesejáveis: «Nenhum tempo de instrução deve ser sacrificado em ensaio das formalidades do compromisso».

Art. 4. Persiste só a 2.^a proposição, relativa ao limite maximo de adiamento da cerimonia do compromisso, modificando de accordo com a alteração do art. 2.

Art. 5. Relativo ao compromisso do official promovido ao 1.^o posto, recebe dois §§: casos do aspirante a official de reserva da 1.^a linha e official de reserva da 2.^a classe.

Art. 6. Dá nova disposição sobre a bandeira confiada á guarda dos corpos de todas as armas.

Art. 7. Hasteamento da bandeira; detalha-se o procedimento.

Art. 8. Suprimido. E' assumpto do R. Cont.

Art. 11. Id. Id.

Recepção e apresentação de officiaes. — O titulo da 1.^a edição era só: recepção de officiaes.

Art. 13. Em vez de «os officiaes promovidos ou transferidos para qualquer unidade» — é — os officiaes transferidos para... —

Prevê-se o caso de ser o edte. novo mais moderno ou menos graduado que o antecessor de quem receba pessoalmente o edo.

O antigo n. 8, relativo aos corpos que não tiverem fiscal, passou a ser § 1 e accrescem tres §§.

No § 2 trata-se do caso das substituições interinas, accumulações, e promoção de official do corpo que fique no mesmo.

§ 3.^o. Todo official que se apresentar a um superior — em objecto de serviço o faz dando seu posto, nome e destino.

§ 4.^o. Estabelece como dictame de camaradagem e educação o de se apresentarem um ao outro officiaes que tomem contacto em qualquer occasião.

Art. 14. Limita praso para conferencia e recebimento de carga das companhias, etc., de modo que possa isso ser feito sem prejuizo da instrução. O substituido não é obrigado a assistir á conferencia quando elle continua no corpo.

Capítulo II. — Da Instrução. Preceitos gerais. —

— Salvo pequenas correções nos diversos artigos só ha sensível alteração na redacção da 2.^a parte do art. 22 (1.^a parte: A instrução de qualquer arma comprehende duas partes: instrução da tropa e instrução dos quadros).

Esta é inseparavel daquella; mesmo na preparação peculiar aos quadros não pôde ser deixada de vista a applicação á instrução da tropa. Taes quadros, tal tropa.

No art. 17 apparece a designação «graduados» abrangendo, como é expontaneo, aspeçadas, cabos e sargentos.

Instrução da tropa. — O art. 23, sem alterações na essencia, é apresentado sob nova disposição, ou coordenação.

Nota 2.^a. «A instrução individual continúa impreterivelmente, nos periodos seguintes» ao de recrutas.

Nota 4.^a. «A instrução dos cabos e sargentos será ministrada em horas disponiveis durante todo o anno de instrução».

No art. 24.^o são accrescentados 2 §§ relativos á critica nos exames de instrução, de accordo com as «Directivas».

Art. 24, § 1.^o. Disposição destinada a influir sobre o recrutamento de certos officiaes dos quartéis-generaes: elles terão que ser capazes de fazer critica nos exames de instrução, na ausen-

cia de seus chefes. Provavelmente passarão estes a só escolherem para taes cargos officiaes que conheçam o serviço da tropa.

No art. 25.^o relativo á duração dos periodos de instrução, ha pequenas alterações e ha uma nota, de accordo tambem com as «Directivas», relativa á duração dos periodos, á precedencia dos de ordem mais elemental e ás manobras.

O art. 26.^o, relativo aos exames de instrução recebeu nova disposição, alguns accrescimos tirados das «Directivas» e um outro, particularmente importante, que fixa o numero de dias de instrução que deve ter o recruta para que possa entrar em exame. Estabelece tambem que o exame individual dos cabos e sargentos tem lugar no fim do 2.^o periodo de instrução.

Passa a ser obrigatoria sómente para os officiaes combatentes a assistencia aos exames de instrução.

O art. 27, relativo ao comparecimentos das autoridades superiores, aos exames é alterado, antes completado, de accordo com as «Directivas».

O art. 28, relativo á instrução nos periodos seguintes ao 1.^o, foi vantajosamente simplificado. Accrescentou-se um esclarecimento sobre a continuação da instrução individual nesses periodos.

O art. 29, relativo á revisão do preparo das unidades é um pouco retocado.

O art. 30, que trata dos retardatarios, recebe um importantissimo accrescimo: O graduado (cabo ou sargento) que fór reprovado no respectivo exame de instrução será rebaixado á graduação inferior immediata.

O exame de retardatarios tem lugar no fim do 2.^o periodo, de accordo com as «Directivas».

Art. 31. Pequenas alterações na questão da repartição das companhias em escolas de instrução.

Art. 31. Os aspeçadas pertencem á escola de praças promptas ou de cabos, a juizo de seu edte.

Sancciona a pratica de haver um instructor especial de tiro, ao qual, se possivel, não será o de recrutas.

Na eng. e art. de costa é permittido subdividir a instr. de recrutas por 2 subalternos. (*)

Art. 32. Foi alterado levando em conta o serviço de um anno. A praça não pôde ser escalada para serviço algum que vá afastar a da instrução, antes do exame de recrutas. Em caso extremo os recrutas poderão concorrer — ainda com essa restricção — ao serviço de guarda do alojamento e faxinas.

Instrução dos quadros. — Art. 39. Recebeu um accrescimo, já vigente, sobre os programma annuaes da instrução dos officiaes e dos graduados.

Art. 41. E' accrescentada uma menção especial para os exercicios de quadros no terreno.

No art. 44 estabelecem-se que o edte. de corpo montado pôde chamar a si a instrução de equipação dos officiaes. Define-se mais precisamente esta instrução para os subalternos dos corpos a pé. Estabelece-se exame da equipação dos officiaes.

Art. 45. Algumas praças simples, mesmo recrutas, de notavel aptidão, devem ser preparadas nas funcções de explorador, observador, agente de ligação, estafeta, signaleiro.

O art. 46 é corrigido de accordo com o «Guia para os exercicios de jogo da guerra».

*) Infelizmente o R. I. S. G. não crêa, nem distribue officiaes. Este artigo não pôde ser cumprido em pleno Rio de Janeiro, pois no 1.^o B. E. cada commandante só tem um subterno e este mesmo aspirante.

rt. 47. Os officiaes das pequenas unidades *em parte* (em vez de *assistem*) nos exercicios de quadros das outras unidades da mesma união.

rt. 48. E' corrigida a questão da distribuição dos themas tacticos escriptos nas Divisões de Exercito.

Prêmios. — E' um titulo novo, constituido pelo 54, o mesmo antigo com ligeiras alterações. Esta utilissima instituição, até então limitada aos officiaes e sargentos, agora abrange também as praças. E mais «estas disposições são applicadas a todos os outros officiaes e praças queaesquer serviços». Algumas medidas de despesa asseguram a integral applicação das férias. *Programa de instrução.* — Em vez de duas sessões simplesmente — inverno e verão — foi adoptada uma gradação mais elastica, em tres classes ao N. do tropico, em cinco ao Sul.

Aquella parte do paiz a alvorada varia desde 4³⁰ nos 5 mezes de Outubro a Fevereiro, das 5⁰⁰ em Maio, Junho, Julho e Agosto; na transição entre as duas épocas, Março e Abril, o lado, Setembro de outono, é ás 5.

ao Sul a alvorada varia desde 4³⁰ em Novembro e Dezembro até 6³⁰ em Junho e Julho. O augmento se faz por alterações de meia hora: Janeiro e Fevereiro; Março; Abril e Maio. A distribuição identicamente: Agosto; Setembro; Outubro.

Introduz-se o café com pão entre o almoço e jantar, adia-se este para as 16³⁰ (excepto no inverno em Junho e Julho, ás 16⁰⁰). Estabelece-se para os corpos montados que tenham seus animais em argola haverá as quartas-feiras sóte equitação.

Concursos para promoção de sargentos e cabos. Esclarece-se a questão da prova pratica e a especial e que na «prova pratica as exigências deverão ser moderadas, pois o assumpto vai substituir objecto de ensino» ao sargento ou cabo (art. 67 e 75).

art. 73 foi radicalmente alterado: «a promoção a 3.º sargento, ou só a aprovação no curso não acarreta nenhuma obrigação de prolongamento do serviço». Facilita-se assim a promoção dos sargentos para a reserva.

Retira-se aos graduados-intendentes o character de especialistas, e assim desaparece a razão de figurar o intendente do corpo na respectiva comissão examinadora (art. 74).

A praça com tres mezes de serviço e exame 1.º periodo pôde candidatar-se a cabo.

art. 76 dá nova feição ás transferencias de praças e ao rebaixamento acaso resultante por falta de vaga. A pedido ou por troca só pôde haver transferencia na época que vai do fim do anno de instrução ao inicio do seguinte. A transferencia na mesma arma, salvo excepção por motivo de saúde, como deixa perceber o n. 22 do art. 96 (atribuições do corpo). O rebaixado por falta de vaga perde suas divisas; é aliás o que se applica ao no rebaixamento temporario por castigo. Deve fazer excepção a esse preceito novo o rebaixado por motivo de reprovação em exame. Esta medida é altamente moralisadora, redonda o beneficio da disciplina. Se o rebaixado deve dia recuperar seu posto seria absurdo fazello temporariamente excluir da escala de serviço do que tinha e de frequentar o circulo de iguaes de «antes e depois». Sabem muito

bem os «troupiers» que em geral, e muito humanamente burlavam-se as duas disposições antigas sobre escala de serviço e convivencia. Quando não se o fazia o amesquinhamento do graduado temporariamente rebaixado recabria sobre a disciplina, sobre o respeito ás divisas. Ver também capitulo «Das penas disciplinares». A transferencia immediata do rebaixado que o antigo R. I. S. G. estabelecia (434) resolvia o caso; reconheciam-se os inconvenientes da perda das divisas, mas era uma capitulação da autoridade e era uma solução cara.

O novo systema absolutamente não é mesmo efficaz, como repressivo, porque actúa na região sensível: a algibeira.

Escola regimental e bibliotheca. — Sancciona-se a descentralisação das escolas de analphabetas pelas unidades do corpo e dão-se indicações de detalhe para a efficiencia desse ensino, sem necessidade de recursos extraordinarios.

Sancciona-se também o uso da bibliotheca regimental como «órgão para facilitar aos officiaes e praças a acquisição de livros de instrução» (art. 87).

(Continúa)

Klinger

⊙ combate da Infantaria

De uma conferencia (*)

(Conclusão)

Emprego, denominação e collocação das reservas.

Na guerra só dá resultado o que é simples, devemos tender para tudo simplificar, mesmo as denominações dadas á tropa com funções identicas.

Reserva é toda tropa pertencente a uma grande ou pequena unidade combatente, que mesmo no campo de batalha está agindo pelo fogo. A reserva reforça a unidade a que pertence, presta-lhe seu apoio moral e material pelo fogo e auxilia os contra-ataques, ataca e executa missões outras no campo de batalha, mas é sempre reserva até o momento de empenhar-se na batalha.

Em these, a missão da reserva de uma unidade combatente é a mesma, sendo tanto mais lata a sua missão, quanto maior é a unidade.

O nosso R. E. I. denomina indifferentemente tropas não agindo no momento pelo fogo, ora como *apoio* (246, 247, 248, 249, 413) ora como *reforço* (357, 373, 377) ora como *reserva* (424, 429 438, 446, 447, 451, 453 464, 479, 508). E misturadamente *apoio e reserva* (372), e *apoio e reforço* (449).

A parte da companhia considerada á retaguarda (246) deve denominar-se RESERVA como chama-se RESERVA a parte

(*) Vd. ns. 74/75 e 76.

Batalhão, Regimento, Brigada, Divisão do Exercito que á retaguarda se acha. A Reserva no momento em que começa actuar pelo fogo apoia materialmente a unidade a que pertence e a reforça por intercalação ou prolongamento, mas até esse momento é RESERVA.

A collocação das reservas, nas pequenas unidades não soffre grandes difficuldades; nas as pequenas frentes de combate, são collocadas tanto quanto possível nas proximidades da linha de atridores, e cobertas pelo terreno ou abrigadas; escalonadas nos flancos quando estes não estiverem apoiados; mas nas grandes unidades sua collocação não é facil. Onde devem ser collocadas as RESERVAS das grandes unidades?

No ponto decisivo: a victoria se obtém pela applicação opportuna no ponto decisivo da força concentrada como Reserva. Como, porém, achar o ponto decisivo do campo de batalha quando ao iniciar-se a lucta não sabemos ao certo se poderemos impor a nossa vontade ao adversario e descobrir o ponto fraco da sua linha?

Devemos collocar a em um dos flancos ou no centro do campo de batalha?

Julgo que poder-se-ia estabelecer que as reservas tacticas devem ser collocadas em pontos do campo de batalha em que podem attingir a 1.^a linha, tanto quanto possível, pelo menos, a coberto das vistas do inimigo e as reservas estrategicas nas proximidades do cruzamento de estradas de ferro ou de rodagem de modo a permitir o seu prompto deslocamento para o ponto decisivo.

Nesta separação que acabo de fazer das reservas em tacticas e estrategicas, quiz eu distinguir as que se acham ao alcance da artilharia inimiga, que chamei de tacticas, das que se acham fóra do alcance d'esta mesma artilharia, que denominei estrategicas.

CONSIDERAÇÕES FINAES.

Senhores, tive em vista nesta conferencia, expôr-vos a traços geraes as minhas observações consequentes ao estudo do nosso R. E. I., e comvosco esclarecer mais espirito e aprender.

Lembro que a tropa estará á altura da sua missão quando por exercicios constantes, tiver aprendido a applicar os principios do regulamento. Sua instrucção terá sido dirigida racionalmente, se ella souber fazer tudo que a guerra exige e no campo

de batalha nada tiver de desprezar do que aprendeu no tempo de paz (R. E. I. n. 514).

Mas não é tudo, acima d'isto é necessario que tenhamos o amor da responsabilidade, que é a mais distincta qualidade de um chefe, e devemos ter presente e nos esforçar por compenetrar nossos subordinados de que a negligencia e a inacção dão lugar a consequencias mais graves do que o erro na escolha dos meios (R. E. I. 334).

O valor de um Exercito, reside mais no valor dos seus officiaes, do que no valor das armas manejadas.

Os officiaes valem mais pelo seu valor moral do que pelo preparo technico que possuirem.

O exito dos combates repousa mais no valor moral dos combatentes do que no valor numerico d'elles e o preparo technico e moral da tropa é feito pelos subalternos, a cellula mater dos exercitos.

A vós, pois, officiaes subalternos do 2.^o Regimento de Infantaria, a vós Tenentes do Exercito Nacional, eu me dirijo neste momento.

Aperfeiçoae a vossa instrucção estudando honestamente os nossos regulamentos, applicando-os lealmente.

Ficæ certos de que o exercito que possuir bons subalternos, terá bons capitães, excellentes commandantes, optimos generaes e será efficiente.

Sem bons subalternos não haverá exercito bom e efficiente, mesmo que possua optimos chefes; a direcção será bôa, a execução pessima. O inolvidavel Tenente Antonio João, o heroico defensor da colonia de Dourados, commandando 15 soldados do Brasil, com seu valor moral transmittido aos seus bravos camaradas, enfrentou a trezentos soldados Paraguayos em lucta homérica em que no fim de uma hora de peleja jazia elle com doze dos seus companheiros no campo da honra, como um energico protesto á invasão do nosso caro Brasil.

Lembro-vos ainda o feito heroico de um subalterno Francez em uma das batalhas da Grande Guerra. Marchava elle para o assalto na frente de seu pelotão, sob a chuva incessante de balas e Schrapnells; em um dado momento elle sente que a sua acção de commando foge-lhe das mãos, o que fazer?

Sob o tremendo furacão da artilharia

e o granizo dos fusis e metralhadoras, o heroico subalterno pára, apita chamando a attenção dos seus homens, reúne-os e em pleno desencadear dos elementos materiaes da batalha, a sua força moral tudo domina, elle commanda a seus homens o manejo d'armas rithmado e quando sentiu ter readquirido sua acção de commando, lança-se novamente ao assalto, ao empolgante «Em frente».

Dignos camaradas, officiaes subalternos, em vós repousa o mais arduo e pesado da nossa ardua profissão; com perseverança e coragem prosegui na vossa nobilitante tarefa, transmittindo aos nossos homens o vosso saber, o vosso valor moral, e a nossa Pátria vos será agradecida.

Capitão Miguel de Castro Ayres

Instrucção de Infantaria

Quadros de instrucção destinados á organização de programmas semanaes

VIII

Instrucção de campanha

Marchas.	{ Idéa geral (theoria). Disciplina individual.
Estacionamentos . .	{ Idéa geral (theo.). Disciplina individual.
Segurança em marcha.	{ Idéa geral sobre o conjunto do serviço (theo.). Instrucção individual.
Idem em estação. .	{ Idéa geral sobre o conjunto do serviço (theo.). Instrucção individual.
Outras situações do soldado em campanha	{ Transmissão de ordens e informações. Comboios. Parlamentarios. Soldados que cáhem prisioneiros.

Observações. — Em vez de rudimentos como prescreve o R. I. S. G., 94, com o serviço de um anno o nosso soldado precisa, no periodo de recrutas, de uma instrucção de campanha mais detalhado, pelo menos daquillo que lhe diz respeito que lhe interessa individualmente. (*)

Esta instrucção, embora quasi que exclusivamente de caracter pratico, deve ser sempre precedida na companhia e antes dos exercicios correspondentes, de uma ligeir exposição theorica.

As recommendações constantes durante os exer-

(*) **Nota.** — Ver desenvolvimento deste quadro nos n.ºs 63 e 64 da «Defeza Nacional».

(*) **N. da R.** — Este trabalho foi feito antes da publicação do R. I. S. G. 1920.

Este leva em conta nas suas disposições sobre instrucção individual, a duração de um anno para o serviço militar do grosso dos recrutas.

cios de marcha e estacionamento e as exigências de todos os officiaes e graduados pela escrupulosa observação das prescripções do quadro anterior, não devem, em nenhuma hypothese, deixar de ser feitas. Não basta ensinar, é preciso exigir.

As situações tacticas creadas para darem lugar á correspondente instrucção pratica dos serviços de segurança, não devem ir além das condições de *ponta* e *pequenos postos*. Sempre que possível, a exposição theorica deve ser acompanhada por figurativos sobre cartas apropriadas a fim. Para os quadros da companhia, subalterno inclusive, o regulamento confia aos respectivos commandantes a organização de pequenas sessões de themas tacticos até companhia (ver a. do R. I. S. G.).

1º Tenente Barbosa Monteiro

Munição de Instrucção (1)

Para os effectivos de 1920 e segundo o R. T. L.

INFANTARIA

Companhia:

Para (t. i.) (3) 128 homens inclusive 3 officiaes a 70	8,9
Para (t. c.) 12 cabos a 60 e 96 homens a 130	13,2
	22,1

Batalhão:

3 Companhias	66,4
Mais 13 homens inclusive 1 official . .	9
Dotação especial	1,5
	68,8

Regimento a 2 batalhões:

2 Batalhões	137,7
Mais 63 homens inclusive 2 officiaes	4,4
Dotações especiaes (n. 219)	10,0
	152,1

Regimento a 3 batalhões:

3 Batalhões	206,0
Mais 64 homens inclusive 1 official	4,4
Dotações especiaes	10,0
	221,1

Batalhão de caçadores:

3 Companhias	66,4
Mais 58 homens inclusive 1 official	4,0
Dotações especiaes (ns. 218 e 219) . .	6,5
	77,0

Companhia de metralhadoras (4) — 141 homens inclusive 4 officiaes a 70. .	9,8
Companhia de estabelecimento — 243 homens inclusive 4 officiaes a 70. .	17,0

CAVALLARIA

Esquadrão:

Para (t. i.) 94 homens inclusive 4 officiaes a 70	6,5
Para (t. c.) 8 cabos a 60 e 64 homens a 130	8,8
	15,3

(1) Porque tambem existe a de mobilização e cujo calculo tem como principal fundamen to a O. E. C.

(2) O R. T. I. substitue tambem o R. T. C.

(3) (t. i.) — tiro de instrucção; (t. l.) — tiro de combate.

(4) As 19 e 20 companhias recebem mais 1330 cartuchos.

Regimento a 4 esquadrões (5):

Esquadrões	61.520
is 37 homens inclusive 1 off. a 70	2.590
tações especiaes	10.000
	74.110

quadrão de trem — 93 homens inclusive 3 officiaes a 70

Corpo de trem:

Esquadrões	13.020
is 24 homens inclusive 1 off. a 70	1.680
tação especial (n. 218)	1.500
	16.200

ENGENHARIA

Companhia ferro-viaria—96 praças a 70

Batalhão ferro-viario:

Companhias	2.160
is 27 praças a 70	1.890
tação especial (annexo VI)	1.500
	23.550

Companhia ferro-viaria isolada — 156 praças a 70

Companhia de sapadores — 104 praças a 70

Companhia de pontoneiros — 99 praças a 70

Companhia de telegraphistas — 111 praças a 70 (81 mais 30)

Batalhão de engenharia (6):

Companhias	21.980
is 28 praças a 70	1.960
tação especial (annexo VI)	1.500
	25.440

ARTILHARIA

campanha — Cartuchos por bateria

e costa — Cartuchos por praça

RESUMO POR ARMA

Infantaria:	
Regimentos a 3 batalhões	663.450
Regimentos a 2 batalhões	1.065.330
3 Batalhões de caçadores	1.771.920
Companhias de metralhadoras	98.700
2 Companhias de metralhadoras com effectivos de mob.	22.400
Companhia de estabelecimento	17.010
	3.683.810

Cavallaria:

1 Regimentos a 4 esquad. e com serviço de internada	822.140
2 Regimentos a 4 esquad. e sem serviço de internada	148.220
5 Corpos de trem	81.000
	1.051.360

Engenharia:

1 Companhia ferro-viaria	10.920
1 Batalhão ferro-viario	23.550
4 Batalhões de engenharia	103.860
	138.330

Artilharia:

1 Baterias	61.000
289 praças de artilharia de costa	90.230
	151.230

Resumo geral

Infantaria	3.638.810
Cavallaria	1.051.360
Engenharia	138.330
Artilharia	151.230
	4.979.730

Obs. — Os homens que em cada unidade excederem dos effectivos de instrucção consignados nos quadros deverão fazer seus exercicios com municião das economias.

Para os subalternos da artilharia e engenharia, capitães de todas as armas, officiaes superiores e os dos serviços especiaes, o tiro de instrucção é facultativo.

Na municião acima especificada não está, como se vê, contemplada a que deve ser gasta com a instrucção nos institutos militares de ensino. O consumo desta deve ser igualmente previsto, porquanto elle deve ser orientado pelas mesmas prescripções do R. T. I. Além disso, a obediencia ás prescripções desse regulamento, relativas ao gasto de municião, constitue tambem um meio indirecto para se avaliar, dentro dos limites que essas prescripções estabelecem, o desenvolvimento da instrucção. E sabe-se que hoje não se recommenda mais como methodo de instrucção o que queima cartuchos sem consideração a limites.

1° Tenente Barbosa Monteiro.

R. D. T. A Directoria Geral do Tiro de Guerra acaba de ser dotada de um novo regulamento.

O que o caracteriza em synthese é a maior approximação entre o mechanismo das estações subsidiarias da caserna — os Tiros de Guerra — e seu verdadeiro destino: contribuir para attenuação da insufficiencia volumetrica do exercito activo no preparo de reservistas.

A Directoria passa a ser directamente subordinada ao E. M. E., órgão central do apparelho da instrucção militar. Passa a haver uma unica epoca de exames por anno, e está liquidada a tempo de não prejudicar a incorporação dos sorteados. D'esta fôrma os officiaes e sargentos, instructores e auxiliares dos T. G. não ficam inhibidos de prestar seu concurso na instrucção dos recrutas de seu corpo. A instrucção dos candidatos a reservistas de 2ª cathegoria passa a ser uma só, quer se trate de T. G., quer de associações, etc.

A medida mais importante é, porém, a da ligação de cada T. G. ou escola de reservistas congenere a uma companhia ou esquadrão do exercito activo. Interessa-se assim a tropa permanente no preparo efficiente de seus futuros elementos de complemento e estes sabem desde logo a que unidade do exercito pertencerão

(5) Os que têm o serviço especial de internada recebem mais 9 x 70 = 630 cartuchos.

(6) O 1º batalhão ainda recebe mais 30 x 70 = 2100 cartuchos.

como reservistas. Essa ligação assume a maxima intimidade nas guarnições militares, principalmente se ahi é preciso que a companhia a que fôr adstricto um T. G. forneça até o armamento para instrução de seus associados: neste caso o ensino terá lugar obrigatoriamente na caserna.

Fica assim muito nitidamente posta nas mãos do exercito activo a feitura dos seus futuros reservistas de 2.^a cathogoria. Cessará por certo a má vontade que em muita parte era irreprimida. Com um pequeno accrescimento de trabalho prestará a tropa mais um consideravel serviço á defesa nacional. Os reservistas de 2.^a cathogoria valerão o que a tropa seja capaz de fazer por elles.

CAVALLARIA INDEPENDENTE

A proposito do artigo adiante publicado sobre «o 2.^o C. C. francez na grande guerra» pareceu-nos interessante transcrever aqui as seguintes paginas do «Serviço de Estado Maior» de von Schellendorff (1905):

«Depois do renascimento da cavallaria allemã em 1870/71, como esclarecedora a grande distancia e mascaradora dos movimentos do exercito, não ha mais duvida que o primeiro fraccionamento de um exercito deve comprehendêr corpos formados só de cavallaria, com artilharia a cavallo. Trata-se apenas de resolver qual o effectivo a dar-lhes e qual a melhor composição para essas massas de cavallaria.

Na campanha de 1866 o exercito prussiano comprehendia um corpo de cavallaria formado de duas divisões, em geral subordinado a um commando superior de exercito e só excepcionalmente recebendo ordens do supremo commando. A experiencia desfavoravel com elle adquirida é menos culpa d'esse corpo do que de seu defeituoso emprego strategico e tactico.

Na guerra de 1870 não se formou semelhante corpo, preferiu-se empregar diversas divisões de cavallaria independentes, subordinadas directamente aos commandos de exercitos. Semelhante medida provou bem em face da cavallaria franceza; contudo houve casos em que a concentração da cavallaria para seu emprego em massas mais consideraveis teria augmentado grandemente o exito obtido.

Se as esquadilhas de cavallaria empregadas na frente do exercito recebem para o esclarecimento strategico missões e objectivos differentes, que as obriguem a avançar em larga frente, então é conveniente empregal-as por divisões independentes. Nesse caso a sua concentração sob um commando unico importaria na criação de um membro intermediario inutil, cujo funcionamento poderia ser supprido pelo commando do exercito. Ao contrario, se se empregam diversas esquadilhas de cavallaria para o mesmo fim e na mesma direcção, convém dar-lhes um commando commum, afim de repellir a cavallaria inimiga pela obtenção da superioridade no ponto decisivo e conseguir reconhecer as condições do inimigo. E tambem para a decisão na batalha e a perseguição do inimigo batido é necessario enfeixar sob um commando unico as massas de cavallaria, para aniquilar em grande frente, com a devida articulação em profundidade, não apenas partes do inimigo, mas penetrar nas suas forças principaes e ao mesmo tempo rechassar a cavallaria inimiga que intervenha. Se essas massas de cavallaria conseguem interromper a linha de retaguarda do inimigo ou antepôr-se-lhe na retirada, ellas podem causar seu completo aniquilamento. Neste sentido a cavallaria allemã na campanha 1870/71 deixou escapar diversas occasiões de colher grandes exitos.

Naturalmente não se póde pretender fazer marchar sempre na mesma estrada tamanhas massas de cavallaria, nem estacional-as concentradas; só o proposito de obter uma decisão no ponto designado pelo supremo commando, seja em esclarecimento ou na batalha ou na retaguarda do inimigo, é que deve fazer enfeixar provisoriamente num commando unico um certo numero de divisões de cavallaria, marchando isoladas.

Uma vez desempenhada a missão commum, nada impede que de novo se emancipem as divisões de cavallaria e busquem seus objectivos diversos.

Por essa razão parece conveniente não planejar desde o começo a formação de corpos-de-cavallaria, mas apenas addir aos exercitos os elementos para o estado maior de tal grande unidade.

Na composição de uma divisão de cavallaria attender-se-á á sua actividade como unidade de combate e ás suas missões no

mento strategico. Trata-se ahi de vivo total e respectiva articulação da sua dotação em artilharia; cabe resolver sobre a necessidade de engenharia para serviços de destruição.

Na Alemanha de cavallaria entende-se em regra tres brigadas, cada uma com dois regimentos de quatro esquadras, o qual effectivo e articulação corresponde ao duplo destino da divisão de cavallaria como unidade de combate e de reconhecimento do exercito. No combate, em regra, a divisão organiza-se em tres linhas successivas, sendo as primeiras constituídas pelas brigadas. Cada divisão tem o direito de articular a sua acção de outra forma, como achar conveniente em cada caso.

Em vez de reforçar permanentemente a acção de cavallaria por uma tropa de cavallaria, prevista na ordem de batalha, e participar em viaturas, está universalmente reconhecida como inconveniente, e não se encontraria no serviço da cavallaria nenhuma missão para tal pequena unidade de infantaria que não pudesse ser resolvida pelos atiradores de cavallaria a pé; nem se fale da dificuldade de conseguir em territorio inimigo o numero sufficiente de viaturas capazes de transportar cada 10 homens) para o transporte da infantaria.

Por outro lado póde prestar relevante serviço uma fracção de infantaria attribuida provisoriamente, pela repartição das divisões, a uma divisão de cavallaria para determinados fins (p. ex., para barrar um movimento do inimigo); porém se essa ligação de infantaria torna-se como um peso na acção da cavallaria, ou esta abandona a sua acção á sua sorte. Na Austria se attribue á infantaria, pela ordem de batalha, batalhões de atiradores ás divisões de cavallaria; e ás divisões de cavallaria, companhias de cyclistas.

Em regra, conveniente parece a attribuição de esquadras de metralhadoras, capazes de acompanhar a cavallaria a toda parte, e que, sejam atrelladas e equipadas á infantaria da artilharia de campanha. Em certos casos ellas pouparão á cavallaria o combate a pé, e na batalha podem vantajosamente ser empregadas de surto no flanco e na retaguarda do exercito. A attribuição de artilharia é necessaria para o serviço de esclarecimento

como para a batalha, lá quebrando a resistencia de pequenos destacamentos de todas as armas ou dando acolhimento á cavallaria, aqui preparando rapidamente o ataque decisivo. A duvida é apenas quanto á proporção da artilharia. O limite minimo é de uma bateria para seis regimentos; o maximo tem sido de tres baterias, isto é, uma por brigada. E' claro que a existencia de uma bateria unica restringirá muitas vezes o papel da divisão. Deve-se tanto mais aconselhar a dotação de tres baterias, formando grupo, quanto assim se attenderá a todas as necessidades, o serviço de cada bateria será alliviado e finalmente no caso de uma batalha haverá uma consideravel contribuição de fogo de artilharia.

A secção de engenharia d'uma divisão de cavallaria, constando de 40 homens, que conduz em uma viatura de ferramenta o necessario para amplas destruições, deve ser transportada em viaturas requisitadas. Sem esquecer a objecção referida a proposito do transporte de infantaria em viaturas, parece vantajoso para ambas as partes que um certo numero de cavallarios sejam instruidos no trabalho de sapa, de modo que sob as vistas de um official de engenharia montado possam executar taes destruições.

Resumindo as considerações precedentes, temos que a massa da cavallaria de um exercito deve ser articulada em divisões independentes, subordinadas directamente aos commandos de exercitos, cada uma de preferencia formada de tres brigadas de dois regimentos. Infantaria não deve haver nessas divisões, mas um grupo de duas ou tres baterias de artilharia a cavallo, e uma pequena secção de engenharia.

Aliás são bem divergentes as opiniões sobre a melhor composição das divisões de cavallaria.

Na França ha duas de 6 regimentos, tres de 5 e tres de 4. Na Austria, Russia e Italia se prefere a partição da divisão em duas brigadas, de dois regimentos de seis esquadras. Assim o commando da brigada fica com uma significação secundaria. Tanto no serviço de esclarecimento como na formação das tres linhas successivas para o combate em geral, rompe-se uma das brigadas. Em compensação o numero de quatro regimentos offerece vantagens notaveis; a

tactica moderna exige que a primeira linha seja a mais forte possível. Na ordem ternaria da divisão o natural é ficarem as tres linhas com igual força, ao passo que na ordem quaternaria (4 regimentos) a primeira linha pôde receber a metade da divisão, ficando então forte bastante para tirar de seus elementos proprios os esquadrões de apoio e as pequenas flancoguardas, e assim as linhas seguintes augmentam consideravelmente de independencia em seus movimentos. Além disto, se faltar uma parte, o que não será raro após o primeiro encontro com o inimigo, a divisão quaternaria ainda terá tres partes, ao passo que a divisão ternaria ficaria reduzida a duas.

Por isso tambem no exercito allemão se levantaram vozes pedindo a divisão quaternaria. Nesse sentido deve ser interpretada a proposta de dar á divisão de cavallaria sete regimentos, de modo que a primeira linha possa ser formada de uma brigada de tres regimentos. Isso seria, conscientemente ou não, a adopção da divisão quaternaria.

O numero de divisões que podem ser formadas depende do numero de regimentos de cavallaria, deduzido um para cada divisão de infantaria. A necessidade dessa ultima ligação será depois discutida.

Reconhecendo-se que as missões estrategicas e tacticas multiplas e extraordinariamente importantes que tocarão á cavallaria na guerra só pôdem ser resolvidas por uma cavallaria numerosa, será preciso convir na necessidade de augmentar a cavallaria...

O desejo de augmentar esta arma é tanto mais justificado quanto as baixas que ella tiver na guerra não poderão ser preenchidas por elementos equivalentes, e tambem o effectivo cavallar diminue rapidamente na guerra. Os cavallos para a artilharia e para os trens do exercito devendo bastar a exigências menos fortes são mais facilmente substituidos que os da cavallaria, educados longamente e habituados a maiores esforços. E os cavallos sem esse preparo não pôdem ser plenamente utilizados ou succumbirão dentro de pouco tempo.

✱ O não recebimento da revista é geralmente culpa do assignante, porque ella não se faz seno para ser distribuida.

Não demorar a communicação de mudança de destino, nem retardar reclamação.

Papel do 2º Corpo de Cavallaria no ultimo anno da guerra

Depois dum longo periodo de trincheiras, os corpos de cavallaria do exercito francez voltaram, em começo de 1918, á sua verdadeira missão.

Desde Março até Novembro, a cavallaria recobrando a sua actividade deu, como sempre, as melhores provas de espirito de sacrificio e abnegação, soccorrendo, nos momentos mais criticos, as outras armas fatigadas, ameaçadas, envolvidas pelas phalanges allemãs que, em vagas incessantes, procuravam precipitar a solução da grande lucta, com suas memoraveis investidas violentas e pertinazes.

A cavallaria pôde dizer com justificado orgulho que, nessa phase delicada e decisiva, pôde toda a parte onde ella appareceu, as vagas inimigas foram sempre detidas.

Sobre os serviços pelo 2º Corpo de Cavallaria prestados, ninguém poderia fallar com maior competencia militar do que o valente chefe que se conservou sempre á sua frente, o General Robillot. Eis a ordem que elle baixou ao ser dissolvida esta unidade do seu commando; como esse illustre chefe rememora os gloriosos serviços prestados pelo 2º C. C.:

«No dia 23 de Março de 1918 o inimigo pronunciava a sua primeira grande offensiva do anno. Havia transposto o Oise, ao norte de Tergniers, recalcado bruscamente o 5.º Exercito britannico, atravessado o Somme e o canal Croizat, entre Ham e Jussy e impellido diante de si as tropas em retirada, dirigia-se a Guiscard e Noyon. A linha de frente estava rôta, Paris ameaçada. O General commandante em chefe dirigia um appello a todas as reservas, afim de fazer face ao perigo e os elementos do 2.º C. C. acudiam á batalha.

Nessa epocha o 2.º C. C. achava-se dispersado em toda a França. As divisões chamadas para o interior, afim de imporem a ordem nos centros onde os agentes da Allemanha procuravam crear uma agitação destinada a paralisar a defesa nacional, só pelo facto do seu soberbo porte e da sua disciplina inabalavel, haviam feito entrar os discolos no sentimento do proprio dever, mas era-lhes impossivel, antes de alguns dias, irem dar o preciso soccorro. A artilharia de duas d'essas divisões achava-se em Escola d'Instrução.

Só o E. M. do 2.º C. C. em Villenaux e um agrupamento formado pelos grupos Cyclistas, por grupos d'Auto-canhões e auto-metralhadoras e pela artilharia da 6.ª D. C., se encontravam em condições de intervir immediatamente.

Foram estes elementos, reforçados primeiramente pelo 2.º R. C., e depois pela 1.ª D. C. que tendo chegado no dia 23 de Março á noite e no dia 24 de manhã ao campo de batalha, constituíram a ossatura e os laços moraes das primeiras Divisões d'Infantaria e os primeiros grupos d'Artilharia, desembarcados á pressa e sem material de combate ao Norte de Noyon.

Não lhes renovarei os detalhes das heroicas formações improvisadas, nos quaes, sentindo que o destino do paiz estava em jogo cada qual pondo em obra toda a sua energia, affirmava bem a fé que nutri na invencibilidade da França.

Que me baste recordar-lhes que desde o dia 27, detraz da cortina impenetrável desenrolada sobre uma frente de 30 kilometros, as reservas tinham conseguido chegar; que no dia 28, o 2.º C. C., formado dos restos das Divisões 22.ª e 62.ª de Infantaria e de dois Regimentos da Divisão 38.ª de Infantaria, escorados, ligados, levados com impeto; pelos elementos de cavallaria, já acima citados, passou ao ataque e reconquistou terreno; e que no dia 1.º de Abril, a situação estava já restabelecida, a brecha fechada, o perigo conjurado, e que o 2.º C. C. tornava a ficar disponível para outras missões.

Durante este tempo, a 1.ª D. C. P. graças á sua heroica resistencia ao norte de Noyon, havia realisado a mesma tarefa com exitos iguaes.

As D. C. chegavam então á linha de frente, e, quando o inimigo, tendo-se visto detido na direcção de Paris, se lançava sobre Amiens, eil-o que vae esbarrar contra a 5.ª D. C., agrupada de Roye a Hangard, sob a alta direcção do General Debeney, com as D. I., collocadas sob as ordens do General Mesple, depois contra a 2.ª D. C., que com a mesma energia, com o mesmo espirito de sacrificio, contribuiam para lhe fechar o caminho do Oeste, do mesmo modo que os seus camaradas lhe haviam tolhido o caminho do Sul.

As D. C. sahiam da batalha, mas logo em 4 de Abril, o E. M. do 2.º C. C. lá voltava de novo, para acudir a uma ameaça de ataque ao Norte de Moreuil. Encontrava alli a 2.ª D. C. P. e outras D. I. e com ellas oppunha durante quatro dias uma frente inabalável aos assaltos do inimigo, reparando as estradas, orga-

nizando o campo de batalha, permitindo assim ao commando trazer as reservas e afastar todo o perigo.

Detido diante d'Amiens, como detido fôra também diante de Noyon e diante do Montdidier, o inimigo lançava uma nova offensiva em direcção a Calais, e de Dunquerque rechassava os portuguezes; e punha em perigo as forças inglezas das Flandres.

O 2.º C. C., que tinha sahido da batalha no dia 8 de Abril, tornado a formar na região d'Aumale, em 9, pelo grupo das 2.ª, 3.ª e 6.ª D. C., dirigido em 11 para a de Fourcarmont, era de novo chamado para outro ponto perigoso.

Sem parar, sem descanso algum, percorrendo 100 kilometros por dia, as Divisões attingiam em 15 os montes das Flandres, do Kemel ao Monte dos Cats e tomavam contacto com o inimigo; depois afferrando-se ao terreno que disputavam palmo a palmo ao adversario, quebravam, de 25 a 30, todos os esforços d'este para tirar partido do exito alcançado no Kemel, contra-atacavam desde Clytte ao Mont-Rouge, amparando e unindo as D. I. que no sector se iam succedendo. Fazendo face a todas as situações, tomavam a mais gloriosa parte na victoria; e, quando o 2.º C. C. era rendido em 5 de Maio, já o perigo se encontrava conjurado nas Flandres, como o fôra sobre Paris e sobre Amiens.

Nesses combates terriveis, nunca fostes avaros de vosso sangue, Cavalleiros, Caçadores, Sapadores, Artilheiros, Metralhadores, Telephonistas, Conductores, Padioleiros... todos elles contribuíram para o esperado resultado generosamente e com todas as suas forças. Depois de tão rude esforço, as D. C., fazendo de novo caminho em sentido inverso, iam em demanda de alguns instantes de repouso na região de Neufchatel, afim de se prepararem para novos combates.

A's 11 horas do dia 28 de Maio, chegou a noticia da ruptura da frente do Aisne. Os exercitos allemães, numa arremetida impetuosa, mais formidável ainda que as precedentes, arrojam-se para o Marne para o Ourcq; Paris é novamente ameaçado.

Chamado em auxilio, o 2.º C. C., sempre composto das 2.ª, 3.ª e 6.ª D. C. renovando a sua marcha fulminante das Flandres, partia nesse mesmo dia. No di-

0, tinha já as suas guardas avançadas sobre o Ourcq, cahia no meio das tropas em plena retirada, entrava em combate no dia 31, e atalhava a derrota. No dia 1 de Junho, atacava; no dia 3, o impeto do inimigo era definitivamente quebrado. Também allí a brecha era fechada, e uma vez mais, Paris, e a França, estavam salvas. Até o dia 20 de Junho, o E. M. do 2.º C. C. continuava a conduzir a batalha a dirigir os esforços das D. I., chamadas em reforço. Quando foi rendido, todo o perigo de ruptura estava contrariado.

Durante esse tempo, a 2.ª D. C. P., do Norte da floresta de l'Aigues depois do Nordeste da floresta de Compiégne, a 2.ª D. C. sobre o Marne oppunham aos esforços do inimigo a muralha inabalável do Regimento de ferro. Diante d'essas tropas de primeira ordem, se por vezes as massas allemãs lograram alcançar um momentaneo exito, esse exito foi immediatamente sustado e transformado em definitivo revez.

Esses rudes combates, tanto mais gloriosos quanto é certo que por parte daquelles que os travaram, os regimentos não haviam sido reconstituídos completamente, depois das batalhas de Moreuil e das Flandres, não tardaram a produzir novas falhas nas vossas fileiras e por isso mesmo, em 21 de Junho, o 2.º C. C. tinha-se reagrupado, para se reconstituir em torno de Mouy.

Este periodo de repouso não foi de longa duração.

No dia 12 de Julho, o 2.º C. C., reconstituído com as 2.ª, 4.ª e 6.ª D. C. transportava-se para o Marne, a Oeste de Meaux, na previsão da grande offensiva allemã, que devia acabar de quebrar a nossa resistencia. Apenas chegadas, no dia 15, as Divisões tornavam a pôr-se em marcha, para alcançar a região Oeste da floresta de Villers-Cotterets e tres dias mais tarde, eil-as que tomavam parte na brilhante offensiva de 18 de Julho que devia cortar cerce os ambiciosos projectos dos allemãs. Seguindo de perto as unidades d'Infantaria, passando adiante d'ellas em certos pontos, rivalizando com essas unidades em rapidez, vivacidade e bravura, esforçavam-se no decurso de dois dias por vencer a resistencia do adversario surprehendido, mas por emquanto não desorganizado por completo.

Uma d'ellas, a 6.ª D. C. prolongava este esforço até ao dia 1 de Agosto, em face de Ferre-en-Tardenois, sem que se lhe offerecesse o ensejo desejado de explorar os nossos primeiros exitos.

Mas a face das cousas achava-se mudada; sob os nossos golpes repetidos, o inimigo desorientado ia enfraquecendo cada vez mais, e, d'ora avante, cada um dos nossos ataques devia marcar para elle um novo recuo. O 2.º C. C., cuja opportuna intervenção por quatro vezes tinha permitido restabelecer uma situação comprometida ia contribuir agora em larga escala para podermos explorar e tirar o devido proveito dos nossos exitos e para precipitar o desenlace.

Em 8 de Agosto, chegava com as suas tres divisões ao Sul de Montdidier, para tomar parte na offensiva do exercito Debeney, transpunha em parte, no dia 9, o ribeiro das Trois-Dames; e, na manhã do dia 10, passando adiante da infantaria, as vanguardas das tres Divisões estavam no encalço das columnas inimigas em retirada, a 4.ª D. C. apoderava-se das aldeias de Crivillers e Bus onde procurava fazer frente, e obrigava-as a retroceder para Roye. Retidas sobre posições valentemente organisadas, que em vão a Infantaria tenta tomar nos dias seguintes, as Divisões conservam-se vigilantes, a espreita do momento propicio, para intervir de novo. Essa occasião parece offerecer-se no dia 27, e por isso, no dia 28, a 2.ª D. C., arrojando-se de frente, cooperava no ataque de Roiglise e de Margryaux-Cerises e attingia em vão, com os seus elementos avançados, a região de Beaulieu-les-Fontaines: mais uma vez o caminho se fechava diante d'ella.

Emquanto que o 2.º C. C., reconduzido nos ultimos dias de Agosto para a região de Beauvais em reserva ao dispor do General Commandante em Chefe, aproveitava este periodo de calma para em parte se completar de novo, a 2.ª D. C. P., combatendo nos Hauts de Meuse, tomava parte na brilhante offensiva do exercito americano sobre o saliente de Saint-Mihiel. D'um só arremesso, penetrando profundamente nas linhas inimigas, atravez de uma região cheia de mattagaes, erizada de fios de ferro e de defesas durante muito tempo preparadas, vencendo todos os obstaculos que se oppunham á sua marcha, conqui-

va Hattonchatel e aprisionava de um
ce de rede cerca de 2.000 homens e um
aterial consideravel.

No dia 28 de Setembro, o 2.º C. C.,
novo bem preparado, tornava a tomar
caminho das Flandres, por Abbeville e
int-Omer. Em 27 chegava á região de
oven, e passava a ficar ás ordens de
a Magestade o Rei dos Belgas, que
mandava o Grupo de Exercito das
andres.

Desde a sua chegada, os tres grupos
Artilharia das Divisões e a Artilharia
s corpos entravam em combate para
oiar o ataque do dia seguinte, 28, ata-
e que logo de um primeiro impeto
tingia a posição principal sobre a crista
s Flandres.

Na tarde de 28, os primeiros elementos
Divisões passavam a Este do Yser,
grosso das tropas segula pela margem
este do Canal, transpunha-o em 29, e
go no dia 30, na esteira das tropas
ataque, que commandava o General
assenet, e das tropas britannicas do 2.º

Ex., as Divisões superavam á força
e energia as difficuldades inauditas, que
sua marcha oppunha um terreno medo-
amente subvertido, e tomavam contacto
m as retaguardas inimigas, que se
erravam com toda a força a Oeste de
oulers e sobre as alturas de Hoogrede.
ais ao Sul, a 4.ª D. C. explorava um
ranço mais accentuado dos inglezes e
tingia á custa de deliberados esforços,
estrada de Roulers a Menin.

Detido no seu impeto por difficuldades
ateriaes insuperaveis o ataque recom-
e no dia 3 de Outubro, sem alcançar
n exito decisivo. Impunha-se a necessi-
ade de nova preparação. Transportadas
e novo para Oeste do Yser, por alguns
as, as Divisões regressavam no dia 14
o seu posto de combate, e de então até
o dia 20, iam combater e impellir o
inimigo sem descanso, para o repellir para
etraz do Lys.

De 19 a 20, marcando cada dia um
ovo progresso e precedendo a Infan-
ria, as vanguardas das Divisões de
avallaria varriam o terreno, tomavam ou
faziam cahir os derradeiros pontos de
resistencia do adversario, e attingiam o
ys.

Emquanto que nas linhas de combate
as tropas francezas, com o concurso de
alguns esquadrões, a lucta se localisava

em torno dos pontos de passagem, con-
quistados graças a uma lucta violentissima,
mais ao Sul, a 4.ª D. C. prestava apoio de
uma parte das suas forças ás tropas bri-
tannicas que progrediam para o Escaut.

A situação que se mantivera por assim
dizer estacionaria até ao fim do mez de
Outubro, tomava nova envergadura com
os ataques de 31 de Outubro e 1.º de
Novembro que nos davam todo o terri-
torio entre o Lys e o Escaut, e repelliam
os allemães para sobre a margem Este
do Escaut. Os grupos d'A. C. A. M.,
postos á disposição das unidades d'Infan-
taria, cobriam-se de gloria, arrojavam-se
até as portas de Gand, tomavam o Cas-
tello d'Heiriegghem, eram os primeiros
a entrar em Eyne, em Heverene, em Au-
denarde, faziam muitas centenas de pri-
sioneiros, capturavam baterias, infligiam
aos allemães perdas crueis e desorganisa-
vam toda a velleidade de resistencia.

Depois de nova paralysação que durou
até ao dia 10 de Novembro e que foi
laboriosamente aproveitada em estabelecer
passagens sobre o Escaut, em transportar
munições, em reparar e reconstruir vias
de communicações que se tinham tornado
excessivamente precarias, em razão das
destruições systematicas pelo inimigo exe-
cutadas, ia finalmente soar a hora da
prosecução da intensiva exploração dos
nossos exitos repetidos.

No dia 11 de Novembro, as 6.ª e 4.ª
D. C. transpunham o Escaut e ultrapas-
sando as primeiras unidades d'Infantaria,
marchavam com todo o arrojo para a
frente. A vanguarda da 4.ª D. C. attingia
Botheghem e Hundelghem. A vanguarda
da 4.ª D. C. entrava em Grammont á
mais de 16 kilometros adiante dos pri-
meiros elementos d'Infantaria, impedindo
o inimigo de fazer saltar as pontes do
Dendre: assim, o caminho de Bruxellas
achava-se aberto.

A conclusão do armisticio foi o motivo
unico que impediu a cavallaria de colher
o fructo dos seus labores e das suas
fadigas. O exercito allemão estava á sua
mercê.

Não tracei aqui uma exposição sum-
maria das operações dos combates do
2.º C. C., desde Março a Novembro de
1918; seria mister referir tambem as
fadigas excepcionaes supportadas valente
e alegremente, as noites passadas sem

dormir, e as extensas horas decorridas sob a acção dos tiros mortíferos; dizer quantas estradas e caminhos foi necessario estabelecer, as pontes que tiveram de se lançar debaixo do fogo dos canhões e das metralhadoras, as privações e soffrimentos supportados na zona devastada das Flandres, sem abrigo, sem caminhos na lama, com uma humidade persistente, capaz de quebrantar ainda a coragem de qualquer melhor tempera.

Pelo vosso bello humor, pela vossa disciplina, pelo vosso ardor na peleja, pela vossa confiança inabalavel no triumpho final, soubestes dar aos vossos camaradas as outras armas um magnifico exemplo; não sómente ajudastes a Infantaria na sua laboriosa tarefa, mas lograstes reconfortal-a, estimulal-a, fazel-a seguir vossos passos, apontando-lhe sempre o caminho da honra e da Victoria, abrindo-o diante d'ella.

Pelas vossas virtudes militares justificastes plenamente a inabalavel confiança que em vós todos depositei. Depois de ver em horas tragicas salvado a França em perigo, quando os combatentes extenuados prestes a suspender a lucta, viestes lançar na balança as reservas de energia de fé contidas nos vossos corações, e fazer renovar o ardor victorioso da batalha.

Não tivestes a alegria da cavalgada final. Detidos em 11 de Novembro, ás primeiras horas em que ieis perseguir o inimigo em fuga, pelo gesto de piedade a França, vós perdoastes aos vencidos.»

Manobras de Cavallaria

Extractos do Relatorio do Exm.^o Sr. General P. Moraes Castro, Director das Manobras

Com a officialidade em circulo e as cartas do director das manobras sobre tosa mesa de campanha, usaram successivamente da palavra, para fins prescriptos no numero 60 do R. M. E., chefes de partidos, commandantes de corpos e officiaes que tiveram missões especiaes, sim como os arbitros.

Em seguida fallou o director das mesmas manobras mais ou menos nestes termos:

Srs. officiaes. — Como commandante da 10.^a brigada de infantaria, — actual 6.^a, no relatorio relativo ao anno de 918, entre outras cousas, disse eu:

«E' nos campos de manobras, escolhidos a proposito — unidades concentradas — que a instrucção ministrada nos quartéis e nos apertados corredores das proximidades das guarnições se corrige, se completa e se amplia; que lhe imprime fiscalisação assidua, permanente,

rigorosa e plena, e se lhe dá efficiencia real; porque nelle as cousas e as acções se assemelham á realidade da guerra. E' nelles que o golpe de vista e a perspicacia para conhecer, apprehender e aproveitar as posições e as situações tacticas se aguçam, se desenvolvem e se apuram, assim como o habito de ver com clareza e presteza os erros do inimigo e delles tirar o melhor partido; que o valor da iniciativa se evidencia e firma; que o estimulo se generaliza e intensifica entre os que *sabem e querem saber*; que a capacidade de commando se mostra com a maxima nitidez, assim como a aptidão ou a inaptidão para adquiril-a; que bem se differenciam os que nas fileiras são e poderão ser uteis, dos que nellas representam *peso-morto*, carga onerosa e inutil aos cofres publicos, porque são incapazes, na paz, como na guerra, da missão que a Nação lhes commetteu.

A efficiencia desse complemento indispensavel da instrucção alludida cresce na razão directa do numero das armas dos contingentes concentrados e do peso dos seus effectivos.

Por estas e outras razões eu trouxe para o commando desta brigada o proposito de concentrar-a annualmente em campo de manobras, conseguindo fazel-o, com o melhor exito, em 915 e 916, porque lhe deram decisivo apoio e *braco-forte* os G.^{os} G. Besouro e P. Bittencourt, que então commandavam a Região.

Em 917 decidira o commando desta que, com a incorporação de contingentes das diversas armas, de modo a permittir a pratica dos seus principaes papeis e dos auxilios mutuos que se devem, logo das suas acções combinadas, se concentraria ella (brigada) no municipio São João do Montenegro.

Infelizmente, depois do aparelhamento de tudo para esta concentração, contingencias do nosso estado de guerra com a Alemanha e da aggressiva e depredadora grêve da viação ferrea do Estado a impossibilitaram.

No anno ultimo a peste denominada *grippe-hespanhola*, accommettendo a quasi totalidade dos effectivos das unidades, não permittiu, sequer, a realisação das chamadas *manobras de guarnição*, em regra, de efficiencia reduzida, senão nulla, porque, tambem em regra, se afastam ou desassemelham do que se passa na guerra: as posições e os terrenos então a occupar e utilizar de preferencia são considerados inacessiveis, e os poteiros e corredores — estes apertadissimos e aquelles de areas curtissimas — em que ellas se effectuam não concedem que se pratique mesmo o essencial do serviço de campanha, a começar de seu *br.* — o de segurança —, impondo, sobretudo no que se refere a distancias, a contingencias das hypotheses que os nossos regulamentos de instrucção condemniam com muito acerto.

O ponderado é de feição a legitimar ideal meu e de outros quanto ás manobras da Região: ao iniciar-se o periodo de instrucção da escola de regimento dar ás suas unidades a voz — *rumo do Saycan, com os proprios recursos, marche!* (sem cadencia para a infantaria e ao passo para as armas montadas).

Estas marchas — iniciadas e realisadas segundo um plano defensivo — dariam excellente oportunidade á pratica larga e efficiente dos serviços referidos — de campanha, e o Saycan seria campo vasto e proprio para completal-a

effectuar as manobras de brigada e de divi-
— de dupla acção.»
Assim o disse e durante largos mezes em
no corrente anno, estive no commando da
Região, aos que commigo conviviam e
estavam diariamente affirmei, sempre, que se
permanecesse até o periodo das manobras
taes realisaria esse ideal, se não lhe negas-
sennuancia as autoridades superiores.
mesmo pensamento trouxe para ella (Re-
o) o illustre chefe que ora a dirige, decidindo
egar a sua execução com as manobras de
llaria que neste momento aqui nos reunem. E
n decidindo, depois de obter o assentimento
Sr. General Chefe do Estado Maior para
effectiviar, organisou as respectivas instrucções
rogramma.

e tudo isso só tive sciencia quando daquelle
e recebi, de viva voz, a honrosa incumben-
de dirigir as manobras projectadas, as actuaes.
pesar da uniformidade dos nossos pensamen-
e propostos quanto á concentração das tro-
da 3ª Divisão do Exercito em manobras no
can, declarando-lhe não saber fugir dos pos-
que os meus chefes me indicavam, nem es-
tar-me do desempenho das funções que me
mettiam, ponderei-lhe:

que nas armas montadas, cavallaria e arti-
ia, apenas se iniciavam os exames do 2º pe-
o da instrução regulamentar;

que as unidades destas armas, além de mal
vidas de materiaes e sobretudo de animaes,
tiveram e mantinham a maioria destes no
po, sem os forragear;

que com animaes assim mantidos o mez
de novembro era nesta Região dos menos pros-
para taes manobras, porque então o estado
fraqueza dos mesmos se extremava em con-
ciencia de se fazer a arrebenção dos cam-
em regra, na primavera — fins de Setembro;

que o valor desta consideração se avolu-
no caso, em vista da anormalidade das esta-
do presente anno, inverno retardado, accen-
to na primavera, logo arrebenção referida
ada em Outubro, completa e plena em No-
vembro, o que é dizer, fraqueza extrema dos
naes precisamente no periodo das manobras,
estribado nestas ponderações, conclui affir-
ndo que se estas tropas lograssem attingir o
po de manobras, o fariam desarticuladas,
e mal montadas, parte a pé, com cavallos
abresky, e parte ainda a pé, sem cavallos, de-
rios ás costas, logo impossibilitadas dos in-
esneáveis serviços de informações, de explo-
ração, de cobertura, de ligação, etc., e até de
desenvolverem ou se disporem para combater
e combaterem como armas montadas que são.
decidido, embora o ponderado, foi mantido,
u, como o dever impunha, occupei, com a
onsabilidade em resalva, o posto que me
designado, certo de que nelle me veria,
s uma vez, na contingencia de pôr a nú as
earias e adições das armas referidas para
efficiente defesa da Nação.

e isto implicava um serviço indirecto a essa
essa e ao nosso Exercito, me aterrorisava a
a da possibilidade de olhares experimenta-
de technicos de outros exercitos; a respeito
onsabilidade em resalva, o posto que me
vinha. Por isto mesmo o meu estado maior, por
inspirado, utilisou, com proveito, a mesma
rensa.

Contra a minha expectativa, as concentrações
e manobras se fizeram, umas e outras apenas com
retardo de 3 dias, apesar das suas marchas,
do começo ao fim, coincidirem com chuvas
e temporaes de excepção, com enchente identica
que dos rios fez as aguas romperem as respec-
tivas caixas, inundando os vargeados margi-
naes, dos arroios rios fez, como das sangas ar-
roios e dos terrenos molles legoas de atoleiros,
tornando, assim, mais pesadas, escabrosas e diffi-
ceis as nossas estradas de rodagem, de conserva-
ção secularmente descurada e em absoluto aban-
dono desde que a nossa viação ferrea poude
atender ás mais imperiosas exigencias dos
transportes.

Mas, se fizeram em consequencia da concur-
rencia harmonica de providencias impulsoras,
promptas e energicas, do commando da Re-
gião e desta Directoria, dos auxilios, tambem
promptos, multiplos e valorosos que lhes pres-
taram civis e as unidades e, acima de tudo,
no inexcédível valor moral e physico das tro-
pas, dos officiaes e praças.

De animo forte e firme, ellas encararam todos
os elementos que a natureza podia congrega-
para obstar e entravar as manobras de cavalla-
ria que pela primeira vez se realisavam nesta
Região, com elles se puzeram em contacto, os
enfrentaram e delles triumpharam, com gaihar-
dia e admiravel bom humor.

E porque tudo isto constitua ponderavel fac-
tor do preparo das tropas para a guerra, logo
para a defesa nacional, bemdigamos as manobras
que lhes deram oportunidade de o palpar e
adquirir.

Bemdigamol-as tambem por terem posto em
clara evidencia, não sómente a alta, complexa e
comprovada **resistencia do nosso cavallo
creoulo**, apesar da degenerescencia em que o
deixaram as nossas criminosas incuria e impre-
videncia, como a necessidade e o **dever de o
forragear** com extremado zelo, sem desvio
de um real dos quantitativos a isto destinados,
de par com a de atacar com firmeza e solucionar
com presteza o magno e sempre momentoso
problema da remonta, que presumo ter posto
nos seus melhores termos, encaminhando e ini-
ciando a respectiva solução, como director e
fundador da Coudelaria e Fazenda Nacional do
Saycan.

Bemdigamol-as ainda por nos terem mostrado
que urge libertar a nossa cavallaria de uma
impedimenta que, pelo volume e peso, no nosso
meio e nos nossos provaveis theatros de ope-
rações lhe é e será trambolho que encurtará e
entravará a sua propriedade prima — a veloci-
dade —, bem como de sellas que são, para o
cavalleiro e sobretudo para o cavallo, instru-
mentos de supplicio, de molde a tornarem os
ultimos imprestaveis no fim de poucos dias de
marcha.

Bemdigamol-as, finalmente, por nos terem per-
mittido o ensejo de testemunhar o ardor patrio-
tico, inextinguivel e communicativo, com que um
de vós, de valor e competencia comprovados
em serviços de paz e guerra, o capitão Antonio
Menna Gonçalves, cogitou do problema de ali-
geirar a nossa pesada artilharia a cavallo e de
habilita-la, com dispendios ao alcance dos re-
cursos dos conselhos administrativos das respec-
tivas unidades, a acompanhar a arma irmã, a
cavallaria, nas estradas como as nossas (pessi-

mas) e atravez dos campos, sem que os rios, os arroios e as sangas a detenham e a entrem, e o de applaudir o exito experimental com que aqui, a cerca de 2 horas, deu-lhe soluçõ.

Taes são e foram os reparos e as observações que a condição de director da manobra de mais vulto realisada nesta Região Militar, logo o dever de a criticar, me obrigou a fazer, uns verbalmente em vista dos informes oraes dos chefes dos partidos e dos repestivos arbitros e outros suggeridos pelos detalhes dos seus relatorios e os dos auxiliares do serviço de estado maior da divisão de manobras, os quaes acompanharam suas brigadas.

Referem-se elles — reparos e observações — a senões e falhas de ordem strategica e, sobretudo, de ordem tactica, á inobservancia e a infracções do nosso R. S. C. e á causa *prima* de tudo isto — o habito, que só a continuidade das manobras pôde destruir, de mal nos compenetrarmos das situações em que os respectivos themas nos collocam, isto é, de não fazermos nas manobras de paz o que fariamos na guerra.

Elles não diminuem o valor da manobra executada, nem matam estímulos, ao contrario, os augmentam, dando-nos e generalizando a convicção de que ella, como as respectivas marchas de concentração, apesar das causas desses reparos e observações, constituiu aprendizagem utilissima, tanto para quem os faz quanto para os que se conduziram de modo a motival-os. E por ser assim, é de esperar que os esforços destes e d'aquelle, como os de todos os que nella tomaram parte e a acompanharam, se intensifiquem e se façam *uno* no sentido de que outras de envergadura sempre crescente, se realizem annualmente, sem interrupção, como exige o nosso preparo — do exercito — para a defesa efficiente da soberania, da integridade e da honra da nossa Patria.

CAMPANHA DE TIRO

De cavallaria

Critica do Director

Terminado o ultimo exercicio, no proprio terreno em que elles se realisaram, em presença de toda a officialidade da divisão de manobras, disseram a respeito, os criticando de modo favoravel, os commandantes de regimentos e de brigadas, cada um sobre a unidade de seu commando.

Em seguida o director das mesmas manobras, lamentando discordar dos que o haviam precedidos na critica, fez a sua nos termos que abaixo reproduz tanto quanto lhe permite a memoria:

Já muito antes da grande guerra européa que vem de findar, a experiencia derrocára o velho *princípio* segundo o qual o combate a pé era para a cavallaria apenas um desagradavel recurso imposto pela defensiva.

As guerras franco-prussiana, anglo-boer, russo-japoneza e a cavallaria alliada nas batalhas chamadas de Iser na recém finda, encheram a historia militar de brilhantes successos dessa arma combatendo a pé, na defensiva e na offensiva.

Na contingencia de assim fazel-o se verá ella, como se tem visto, muitas vezes, e o seu successo

dependerá, sobretudo, do emprego judicioso e opportuno dos seus fogos, logo de seu fustil e de uma instrucção solida e completa de tiro. A do de combate, especialmente no ataque (offensiva), não se restringe á conducta da tropa e do chefe no ponto de vista da tactica, da direcção e da disciplina do fogo — n. 147 do R. T. C. — (conduzir-se de modo a augmentar a efficacia do seu proprio fogo e a reduzir a do inimigo, logo aproveitando todos os elementos e circumstancias a uma e outra cousa favoraveis). Estende-se tambem e capitalmente á marcha de aproximação que, em synthese, reduz-se a conduzir a tropa ás posições de fogo, tanto quanto possivel, abrigada das vistas e dos fogos inimigos ou a expôdo o menos possivel a estes fogos — logo com o melhor aproveitamento do terreno e nas formações que lhe offereça menor alvo. E desta marcha é preliminar indispensavel o reconhecimento do terreno e do inimigo.

Na arma considerada, essa instrucção vai até os cuidados exigidos pela garantia e defesa dos cavallos de mão, porque sendo o cavallo elemento essencial e *primo* da propriedade *prima* dessa arma — a velocidade —, condição *sine qua non* da propria arma, são elles alvo constante das vistas, dos fogos e, não raro, de surpresas do adversario.

Está feita a minha critica.

Os reparos que ella encerra não são de molles a amortecer estímulos, mas, de inspiral-os, creal-os e intensifical-os.

Elles terão a utilidade de evitar que nas falhas que os motivaram reincidam ao que as commetteram, provocando, ao mesmo tempo, relações mais estreitas, intimas e assiduas com os nossos regulamentos de instrucção e os livros de tactica na parte que se referem ao combate a pé desta arma.

Disto é garantia a nossa honestidade profissional, porque della se deriva, inilludivel e imperioso, o dever do maior e do melhor esforço no sentido do nosso preparo para o efficiente desempenho, tanto na paz quanto na guerra, da ardua missão que a Nação nos commetteu.

Notas á margem

Ao R. T. A.

(Conclusão)

O art. 107 diz que no caso de objectivos em movimento observando-se que a distancia de um tiro curto ao objectivo não é maior do que a grandeza do garfo que se tenciona formar (pouco aquem) tomase a alça correspondente como limite curto do garfo; e nós pensamos agir de accordo com o art. 4 do R. T. A. si, observando que a distancia de um tiro longo ao objectivo não é maior do que a grandeza do garfo que tencionamos formar (pouco além) tomamos a alça correspondente como limite longo do garfo, e

da mesma forma pensamos agir dentro do espirito do regulamento, se assim procedermos quer em relação aos objectivos em movimento, quer em relação aos objectivos fixos, e tanto em tiro de tempo, si tivermos determinado o conector do garfo, como em tiro percuteute. (1)

Estabelece o art. 115 como principio fundamental, repartir desde logo o fogo sobre todo o objectivo e que em qualquer dos processos de pontaria, quando o feixe tenha de ser repartido sobre uma frente maior ou menor do que a da bateria, bastará commandar um escalonamento additivo ou subtractivo igual ao terço da differença de frente.

Pensavamos que a esse respeito não houvesse duvidas, maxime agora que uma nota do R. T. A. esclarece quaes os limites a tomar na medição da frente do feixe quando o objectivo é uma linha pôde-se dizer quasi continua, em vez de ser formada por pontos separados, com grandes intervallos, que exijam o tiro á risca, como acontece por exemplo, quando esse objectivo é uma bateria em acção; e por isso causou-nos estranheza vêr alguns camaradas commandarem $1/4$ em vez de $1/3$ da differença de frente, em desaccordo, portanto, com o que preceitua o Regulamento.

Crêmos ter encontrado agora a explicação do absurdo, pois o attribuímos ao resultado da leitura pouco attenta de umas observações que ao R. T. A. fez o Sr. Major Castro e Silva e que se nos depararam em um de entre diversos numeros da Revista de Artilharia que a obsequiosidade de um amigo fez chegar ás nossas mãos.

Na observação ao art. 68, que é a que nos interessa, o auctor fala em $1/4$ da frente total, nenhuma vez, porém, em $1/4$

da differença de frente; houve confusão de quem leu e commandou escalonamento de $1/4$ da differença de frente, depois de levar a bateria ao regimen do parallelismo.

Diz o Sr. Major Castro e Silva que se os intervallos entre as peças são taes que cada uma bate com efficacia a cada disparo de sht. a metade de um intervallo de cada lado do seu plano de tiro, a frente total batida pela bateria de trajectorias parallelas é igual a 1 e $1/4$ da frente da bateria: ha engano, pois em condições taes a frente batida é igual a 1 e $1/3$ da frente da bateria.

Adeante, fazendo uma distincção entre frente de objectivo e frente de tiro, acha que se pôde estabelecer como regra geral para repartição do fogo um escalonamento de derivas igual ao terço da frente de tiro, quer se trate de objectivos cujas extremidades constituem os pontos sobre que devem incidir os tiros das peças extremas, quer se trate de objectivos nos quaes esses pontos devem ficar um pouco para dentro das extremidades como no caso de uma linha de atiradores, mas isso tão somente no caso de não ser preciso ceifar, distincção essa que não nos parece deva existir.

No caso de ser preciso ceifar, não ha duvida que a frente de tiro é a extensão do objectivo comprehendida entre os pontos sobre que devem incidir os tiros extremos, mas o escalonamento só pôde ser igual ao $1/4$ da frente total ou, o que tanto vale, igual ao $1/3$ da frente comprehendida entre os meios dos quartos extremos, si os planos de tiro das peças extremas passarem no fim da operação pelos meios dos quartos extremos já referidos, ou por pontos afastados um do outro de uma grandeza igual a $3/4$ da frente total do objectivo.

E quanto á deriva inicial deve ella referir-se sempre ao ponto médio a ser batido pela peça base quando na ceifa fôr commandado um numero impar de grupos de tiros, ou o ponto medio entre os differentes pontos a serem batidos pela mesma peça base quando o numero de grupos commandados fôr par.

Não é nada pratico, entretanto, que a preocupação de bater com efficacia os extremos do objectivo, leve a procurar-se os pontos sobre os quaes devem incidir os tiros extremos para depois procurar-se o meio de um dos quartos da extensão

(1) N. da R. — Quanto ao tiro percuteute a applicação da regra 107 é taxativamente prescripta pelo R. T., no 109. Quanto á generalisação para o tiro longo, é realmente um impeto expontaneo da primeira reflexão abstracta. Mas, pensando mais, descobre-se que houve razões em ter o R. T. resistido. Pense-se no funcionamento da munição e no movimento do objectivo.

E quanto aos objectivos fixos tambem o que se deve concluir é que o R. T., tendo posto a sabia regra geral do art. 4 *in fine*, não quiz todavia autorisar neste caso um desperdicio de munición em troca de uma efficacia apenas duvidosamente mais prompta, quando ha menos pressa.

compreendida entre esses pontos, e sobre elle apontar a peça base, commandando-se em seguida o escalonamento do 1/3 da frente de tiro, que não será mais, não excepcionalmente, igual ao 1/4 da frente total do objectivo.

Não ha negar que os extremos do objectivo serão batidos regularmente, mas será sempre mais facil, e os resultados serão quasi os mesmos, pois apenas poderá acontecer que os tiros extremos ceifa batam o terreno á direita e á esquerda do objectivo, si se apontar a peça base sobre o 1/2 do quarto extremo da frente total.

E essa maneira de proceder estará mais de accordo com o regulamento, o escalonamento será sempre igual ao 1/4 da frente total ou ao 1/3 da frente comprehendida entre os meios dos quartos extremos. E como pelo espirito do nosso regulamento, ainda mais confirmado pelos nossos processos de pontaria, a bateria é sempre levada ao regimen de parallelismo, segue-se que o que é preciso calcular realmente, quando a frente do objectivo, medida como manda o regulamento, é maior ou menor do que da bateria, é o escalonamento supplementar necessario para abrir ou cerrar o feixe, e esse supplemento é sempre igual ao 1/3 da differença de frente.

Não quer isto dizer que se deva tornar primeiro os planos de tiro parallelos para depois abrir ou cerrar o feixe; não, o escalonamento supplementar do 1/3 da differença de frente deve ser sommado em seu signal ao de parallelismo, e então ser transmittido ao apontador. Tanto assim, que julgamos condemnavel o processo que alguns seguem de apontar primeiro a bateria á luneta, e commandar depois o escalonamento supplementar de repartição, quando o mais natural seria transmittir a cada peça a distancia convenientemente augmentada ou diminuida do 1/3 da differença de frente.

Capitão Gorge.

Operação na Redactoria Com a reabertura dos trabalhos na Escola Militar o Sr. capitão Euclides de Oliveira Figueiredo, edte. do esquadrão, verificou que absolutamente não lhe é possível continuar no cargo de redactor effectivo desta revista. Seu substituto previsto, 1.º tenente Maciel da Costa, assumiu o lugar.

A Escola Militar conseguiu, este anno, iniciar seu trabalho na época regulamentar.

Não obstante as difficuldades oriundas de um effectivo consideravel, para o qual a escola ainda não está aparelhada, a administração continúa no louvavel esforço para cumprir o regulamento, experimentando com boa fé as disposições novas, tendentes a melhorar o recrutamento dos officiaes do primeiro posto.

Cumpre notar que o effectivo da E. M. muito pouco poderá baixar do actual, pois elle deve ter perfeita relação com as vagas dos quadros de officiaes; ora a média destas por anno anda em duzentos, este deve ser pois o numero de recrutas da escola, donde um effectivo de cerca de seiscentos para os tres annos.

Nos trabalhos que a M. M. F. está iniciando, encontrarão os nossos camaradas professores e instructores da E. M. um novo e patriótico incentivo; mas ainda é principalmente das autoridades administrativas que deve partir o maior impulso, praticamente traduzido nos recursos de toda especie e que ainda sejam insufficientes para o ensino.

Ao lado destes é indispensavel executar o art. 177 do regulamento vigente para a E. M. — preparadores estrangeiros para os gabinetes. Elle atinge um dos pontos capitaes da reforma ideada e, apesar da sua modesta apparencia e do pequenissimo sacrificio que trará aos cofres publicos, se reflectirá beneficemente em todo o ensino da escola. Assim terão os noveis officiaes menos probabilidade de serem submettidos mais tarde a uma humilhante repetição de estudos officialmente feitos, porque o governo tenha consciencia de não ter proporcionado com oportunidade os recursos necessarios ao ensino.

Outra disposição que precisa de facilidades para ser executada é a que se contém no n.º 2 do art. 91: as lições escriptas não só constituem um poderoso elemento para a fiscalisação do ensino, como facilitam extraordinariamente o trabalho do alumno. Esse processo tambem foi adoptado pela M. M. F. e é de elemental justiça que se reconheça para a E. M. o direito a todos os recursos indispensaveis á sua realisação.

Com certeza a E. M. será contemplada na distribuição de todo o material moderno que for adquirido e assim tambem na remonta que se está fazendo, pois o numero de cavallos de que dispõe a E. M. não é sufficiente; força é, porém, convir que o numero que actualmente existe não é sufficiente desculpa para se não dar aos alumnos do segundo anno de infantaria e de engenharia uma aula de equitação por semana, como desde o inicio do anno passado manda o regulamento.

Convém, evidentemente, que se facilitem á E. M. todos os recursos capazes de permittir um exame da nossa capacidade para ensinar e entender o que por ahí se escreve. Neste mesmo sentido foi muito acertado o augmento do numero de auxiliares de instructores da infantaria e da artilharia.

Resumindo estas observações, lembramos que não ha no Exercito um instituto onde melhor

justifique todo e qualquer sacrificio orientado para o seu aperfeiçoamento.

Sempre será difficil modificar os maus habitos os defeitos do ensino na Escola Militar, mas mesmo se dará com as virtudes civicas e militares nella inculcadas.

PONTARIA INDIRECTA DO NOSSO 75

(2.^a edição)

PELOS

Capitães Klinger e Mascarenhas de Moraes

Desde meiado de 1919 está exgottada a 1.^a edição, pertencente á Bibl. do 4.^o R. A. O tempo que ella levou a se diffundir entre nós, officiaes e praças da arma —dous annos para trecentos exemplares — devia ser um indice bastante expressivo para não se pensar em reproduzila.

Não obstante, muitos tem sido os incitamentos á reedição, quer por parte de camaradas que só agora tem tido conhecimento da existencia do livrinho, quer por parte de alguns jovens amigos que lembram a utilidade d'elle para o renovo dos cadetes da artilharia.

Ocorreu-me então acrescentar ao folheto uma 2.^a Parte», constituída de exemplos, no genero dos do «Club de Tiro a Giz» de S. Gabriel, alguns dos quaes estão publicados n'«A Defeza Nacional»; porém com uma circumstancia particular a que empresto a mais alta significação: não ser essa parte feita por mim. E encontrei o competente e estudioso camarada capitão João Baptista Mascarenhas de Moraes o intelligente collaborador que eu desejava.

Não me detivéram do proposito a circumstancia de que os nossos regulamentos estão substituidos a uma revisão pela missão militar franceza e o facto de que a grande guerra generalizou o emprego dos recursos de pontaria que reduzam ao minimo, se não eliminam de todo, os calculos de paralaxes — p. ex., ponto de pontaria bem no flanco, ou á retaguarda e muito longe.

Este trabalho terá sempre um valor, pelo menos historico, como solução brasileira do problema contemporaneo da pontaria indirecta, alçada á *suprema generalisação, com a maxima simplicidade*.

Aproveito o ensejo para agradecer muito sinceramente a sympathia que mereceu «A pontaria indirecta do nosso 75» na primeira tiragem.

Animado unicamente por ella é que emprendemos a reedição.

Eil-a.

Rio de Janeiro, Março de 1920.

Bertholdo Klinger
Capitão.

PRELIMINAR

(Da 1.^a edição)

No correr do periodo de instrucção de bateria deste anno houve no 4.^o R. A., sem exagero, uma vida nova de trabalho intenso — tanto quanto era compativel com o reduzido effectivo de praças, a falta de subalternos, pois não havia nas baterias senão o seu edte., e sobretudo com a inteira abstracção das parellhas. (1)

Estas na dura estação provinciana ou aprendem a esperar ou vão morrendo de magreza, no dizer *sans gêne* dos artigos do boletim regimental. A esperar, pelo fornecimento da firma todopoderosa Primavera & Verão...

Naquelle estado de espirito houve ensejo de convergirem as cogitações dos seis edtes. de baterias para o terreno limitado das questões relativas á technica do emprego de uma bateria, e especialmente á sua pontaria indirecta. (2)

Aventou-se então a idéia da reedição dos trabalhos a esse respeito por mim publicados em 1913 no *Boletim do Estado Maior do Exercito*, cujos numeros estão exgottados e nem todos os officiaes os possuem.

Verdade é que a summa desses trabalhos está desde 1914 incorporada ás nossas disposições regulamentares (annexo do R. T. A.), (3) mas não é da nossa indole, mórmente com a hypertrophia theorica soffrida nas escolas militares, nos conformarmos em applicar *regras*, sem lhes perquirirmos o como e o porque.

E aquella idéia talvez lançada sem maior reflexão numa roda de quartel — faço questão de assim chamal-a para escandalisar a acceção antiga desse *instituto militar* — avolumou-se e me impoz a realisacção.

Ahi está porque agora volto ao assumpto.

*
*
*

Mas tambem ha um outro motivo.

Coincide com a mesma época a idéia utilissima da fundação de um *club de tiro a giz*, assim definido no art. 1 de seus estatutos:

«Este club, fundado entre officiaes do 4.^o R. A., tem por objectivo familiarisar os seus socios com os diversos problemas do tiro de uma bateria, mediante exercicios apropriados, especialmente sobre themas de tiro na fórma prescripta pelo R. T. A. (Compl.), (4) exercicios feitos sem pessoal, sem material (excepcionalmente com uma ou mais lunetas de bateria), e sobretudo, sem munición: a giz, lapis, a tinta». (5)

A mim me pareceu em vista dessa associação, onde as questões da pontaria indirecta haviam de ser estudadas, diminuir de significação o citado projecto de reedição. Entretanto encontrei, para satisfazer os desejos que todavia

persistiam, esta solução: não fazer uma simples repetição, empregar porém uma coordenação completa do assumpto e publicar então, pela primeira vez, uma simplificação importante para o emprego do ponto de pontaria, a qual veio relegar para os museos a gravimoda regra dos signaes.

São Gabriel, Setembro de 1916.

Bertholdo Klinger
1.º Tenente.

Notas da 2.ª edição

(1) De todos estes males só estão sanados hoje em dia o da insufficiencia das praças e dos subalternos. Ha, em troca, um novo mal: aspirantes e segundos tenentes recém-sahidos da Escola commandam bateria. A Escola Militar, de um modo geral, forneceu este anno excellentes instructores de recrutas, mas elles não deviam, ao chegar na tropa, ser logo assoberbados com a responsabilidade de dirigirem a instrucção de sua unidade, disciplinal-a e administral-a — coisas das quaes é humanamente impossivel obter sufficientes *noticias* na Escola.

Quanto á «inteira abstracção das parellhas» exultamos com a expectativa de que será este o não menor dos serviços a prestar pela «missão» á nossa tropa montada. Sua voz, por ser de estrangeiros — é duro dizel-o, mas é a verdade — será ouvida.

A nossa remonta não é tanto uma questão de raças ou de tipos, de «cavallos de guerra» ou de «cavallos d'armas», crioulos, ou mais ou menos dosados em pureza de sangue (?): é questão de forragem, *argola*, manutenção de treinamento.

(2) Questões estas que ao tempo eram muito confusas, graças principalmente á profusão pedantesca dos casos especiaes, á orgia de formulas e figuras, com que a alguns empazinaava a sabedoria livresca de importação, deglutida sem o «*primo digestio in ore*».

(3) O R. T. A. 1914 foi a primeira etapa na renovação dos R.ª da artilharia; por isso elle trouxe aquelle annexo, com o qual urgia encaminhar melhor o problema da pontaria indirecta; seguiu-se-lhe o Complemento, de 1916, e depois o 1.º volume do R. E. A., em 1917, completado com o 2.º em 1918. O R. E. A. abrangeu, devidamente, todas as questões da pontaria (parte 1.ª: escola do servente e escola de bateria) as quaes então foram eliminadas no novo R. T. A. 1919, revisão e unificação do de 1914 com seu Compl.

(4) O R. T. A. 1919 officializou expressamente o «tiro a giz». Vd. art. 193, 3.ª proposição.

(5) Não é demais consignarmos aqui uma homenagem aos *themas de tiro*: reflecta um instante o leitor que tem acompanhado o trabalho da nossa artilharia de campanha — talvez também collaborador do mesmo — que relevante serviço prestaram elles á instrucção da arma nestes 5 ultimos annos! Que pena não se poderem formular *themas de tracção*... a giz!

Capitão Klinger.

1. A PONTARIA INDIRECTA. Generalidades. Elementos da pontaria indirecta. Comparação entre a pontaria directa e a indirecta. O sentido unico e constante da gradação das nossas lunetas. Regras para a medição de angulos. Modos de pontaria indirecta. O feixe dos planos de tiro da bateria.

Generalidades

Visar um ponto para atirar em outro, eis a pontaria indirecta. O aperfeiçoamento dos aparelhos de pontaria, para nós a luneta panoramica, é que veio modernamente tornar tal officio, de applicação corrente, facil e preciso; sua influencia sobre o emprego da arma traduziu-se na preponderancia das posições cobertas. (1)

Não quer isso dizer que a pontaria indirecta só se applique nas posições cobertas. O nosso R. T. A. é clarissimo a respeito:

«6a. A pontaria directa só deve ser empregada contra objectivos bem visiveis aos apontadores e que possam com facilidade ser indicados precisamente, assim como contra objectivos em movimento aos quaes possam os apontadores acompanhar com a pontaria.

Fóra dessas condições, a primeira pontaria em direcção deve ser obtida pelo emprego de um ponto de pontaria collectiva, ou da luneta de bateria, ou ainda da pontaria reciproca sobre uma peça-base; emprega-se qualquer desses processos tanto em posição coberta como descoberta...» (2)

O Compl. do R. T. A. (1916) estabelece nos seguintes termos o emprego da pontaria indirecta em posição descoberta:

«51. No caso do tiro directo» (expressão evidentemente empregada na accepção de: tiro em posição descoberta) (3) «a designação do objectivo deve ser clara, inconfundivel e curta. Se não fôr possivel uma designação sem longas explicações deve-se recorrer a um ponto de pontaria facil de designar».

Não custa reconhecer que esta disposição complementa a do citado art. 6a: fóra das condições definidas em que se deve empregar a pontaria directa, cabe a precedencia ao ponto de pontaria; si tal não houver, facil de designar, então se applicará um dos outros modos de pontaria indirecta.

(1) Na *A Defeza Nacional*, n. 28, publiquei uma synthese sobre a pontaria indirecta, com a qual iniciei o estudo «O emprego da artilharia de campanha reduzido ás noções para todos».

(2) (*N. da 2.ª ed.*) — No R. T. A. 1914 tomou esse artigo o n.º 50.

(3) (*N. da 2.ª ed.*) — No R. T. A. 1916 esse mesmo artigo tem o n.º 201 e começa assim: «No caso da pontaria directa...»

elementos da pontaria indirecta

Se imaginarmos a epura (4) de um canhão a pontaria indirecta, teremos na projecção sobre o plano horizontal a linha de tiro e a linha de visada, na projecção sobre o plano de tiro a linha de tiro e a linha de sitio. Ahí temos os dois elementos de pontaria indirecta: no sentido horizontal, isto é, em direcção — a linha de visada; no sentido vertical, isto é, em altura — a linha de sitio.

O primeiro é fixado pelo angulo de visada e deriva; corresponde á differença de direcção entre o plano de visada e o plano de tiro. O segundo é fixado pelo angulo de sitio, angulo da linha de sitio com a horizontal; é o que leva em conta a differença de altura entre o canhão e o objectivo.

Portanto, na pratica a pontaria indirecta se caracteriza pelos dois elementos: deriva e angulo de sitio.

Isso não quer dizer que não possa um delles ser nullo, até ambos o serem.

Ter-se-á o *sitio nullo* (no nosso material representado pelo numero 200, para evitar os negativos), sempre que o canhão e o objectivo estiverem no mesmo nivel.

Deriva nulla, ter-se-á quando o ponto de visada estiver na mesma direcção que o objectivo, este porém mais alto ou mais baixo, mais perto ou mais longe.

E' o caso das provas de pontaria indirecta do 1.º concurso de apontadores (*Boletim do R. E. A.* n. 427, de 20. 5. 15). (5)

Sitio nullo e deriva nulla haverá quando se reunirem as duas condições precedentes, mas a distancia do objectivo seja maior ou menor que a do ponto de visada.

Se neste caso ainda desaparecesse a differença de distancia coincidiria o ponto de visada com o objectivo, ter-se-ia então a pontaria directa.

Chega-se assim á pontaria directa como um caso particular da indirecta. Em outras palavras: a pontaria indirecta é a generalisação do problema da pontaria.

Comparação

Na execução da pontaria directa não se embaraça o angulo de sitio porque este é directamente levado em conta, eliminado pela propria visada.

(4) (*N. da 2.ª ed.*). — O instructor substituirá aqui — como em outros casos deste ensino — o vocabulario e as imagens de accordo com os conhecimentos dos homens a que se dirija.

(5) (*N. da 2.ª ed.*). — Por motivo ignorado foi esta prova supprimida no R. E. A. 1917. Porém, logo, em Maio do anno seguinte voltaram a figurar no 1.º concurso 2 provas de «pontaria indirecta sem deriva». Ver annexo do 2.º vol. do R. E. A.

Entretanto, pôde haver na pontaria directa uma deriva, em geral pequena, seja para corrigir o desvio causado por um vento obliquo ou normal ao plano de tiro, seja para levar em conta o deslocamento de objectivos moveis em direcção obliqua ao mesmo plano.

«R. T. A. 66. O commandante da bateria tem que eliminar a influencia do vento lateral ou do movimento transversal do objectivo, commandando antes do inicio do tiro uma deriva para toda a bateria.» (6)

Igual recommendação reproduz o art. 107, (7) tratando do tiro contra dirigiveis e aeroplanos.

Na pontaria directa pode-se tambem visar sem estar a zero o sitometro da luneta, quando se queiram assim corrigir as alturas de arrebentamento, fazendo a espoleta ser graduada igual á alça commandada, como no primitivo processo do T. R. 1905 (placa de regulação), ou quando se tratar de levar em conta o movimento ascendente ou descendente de objectivos aereos (vd. R. T. A. 107, fim), (8) ou finalmente quando assim se queira attender á componente longitudinal (segundo o plano de tiro) do movimento de objectivos terrestres. Esta ultima correcção, porém, prefere-se fazel-a pela alça.

Resumindo: o que caracteriza para o apontador a pontaria directa e a distingue da indirecta é que naquella: 1.º a visada é de duplo effeito, isto é, pela mesma visada dá-se ao canhão a direcção e a altura correspondentes ao objectivo; 2.º para esse fim as graduações da luneta devem estar a zero, salvo se fôr expressamente commandado para alguma dellas algum valor (casos precedentemente expostos).

Na pontaria indirecta: 1.º a visada serve apenas para dar a direcção, ao passo que a altura correspondente ao objectivo é dada calando o nivel do sitometro da alça; 2.º para esse fim a luneta recebe uma deriva e o sitometro da alça um sitio, ambos commandados, e o *sitometro da luneta recebe uma graduação qualquer*. Esta graduação ou deriva vertical da luneta absolutamente não influe no tiro, ella deve apenas ser tomada de modo a permittir a visada e esta, por sua vez, basta que seja feita de modo que o plano vertical que passa pelo cruzamento dos reticulos (plano de visada) — ou pelo vertice do angulo luminoso do collimador — cubra o ponto de visada. Por essa razão, para maior presteza se devem escolher para *pontos de pontaria* linhas verticaes em lugar de pontos, pois mais depressa se lhes ajustará o plano de visada. (9)

(6) No R. T. A. 1919 é o artigo 113.

(7) No R. T. A. 1919 é o artigo 155.

(8) No R. T. A. 1919 é o artigo 155.

(9) Vêr R. E. A. 36.

Mesma regra para escolha dos pontos de referência.

O sentido unico e constante da gradação

Assim como o sitometro da nossa alça e o da nossa luneta fazendo o zero igual a 200 evitaram o emprego de negativos e a confusão que inevitavelmente resultaria de uma duplicidade de gradação á direita e á esquerda do zero verdadeiro, tambem a deriva apresenta, pelas mesmas razões de ordem pratica um sentido unico e constante, que para nós é *fundamental* na applicação da pontaria indirecta: a nossa luneta panoramica (a dos canhões ou da bateria) só mede angulos pela direita, isto é, no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio.

O indice do prato é o ponteiro pequeno, o do tambor é o grande. (10) Os mostradores são separados: o limbo do prato é o mostrador das horas, o do tambor corresponde aos dos minutos.

Por isso é que uma deriva muito pequena, á esquerda do zero, é expressa por um numero muito grande: embora o reflector tenha feito o pequeno desolcamento pelo caminho mais curto, isto é, pela esquerda, a gradação sendo numerada pela direita o valor indicado é igual ao que se obteria fazendo a volta pelo caminho mais longo, pela direita.

Uma consequencia immediata dessa constante do sentido das derivas é que augmentar a deriva desloca o plano de tiro (deriva zero) para a esquerda, diminui-a desloca o tiro para a direita.

Na observação dos tiros, portanto, um *desvio á direita* exige o commando *deriva mais*, desvio á esquerda, deriva menos.

Nota. — O sitometro da alça e o da luneta são, ao contrario da deriva, graduados pela esquerda.

Regras para medição de angulos

Ainda o sentido constante da gradação da nossa luneta dá lugar ás seguintes regras para a medição de angulos, frentes ou intervallos millesimaes, isto é, á determinação do valor absoluto desses angulos.

1.^a) Sempre que possivel visar a zero em primeiro lugar na direcção da esquerda — assim a deriva depois lida para a direcção da direita

(10) Ha uma differença: os ponteiros é que são fixos, os mostradores (ambos) são moveis. Sempre tive proveito em utilizar essa comparação do relógio para os apontadores. Em geral, no começo elles erram na gradação e na leitura do prato quando o numero do tambor é maior do que 60. Erram por uma divisão isto é, 100^o/60.

exprimirá directamente o valor absoluto do angulo das duas direcções.

2.^a) Se a visada a zero começar pela direita, para obter o angulo em valor absoluto é preciso subtrahir de 6400 a deriva lida para a direcção da esquerda.

Na pratica decompõe-se assim a operação: no prato, quanto falta para 63? no tambor quanto falta para 100?

$$(6400 = 6300 - 100).$$

3.^a) Se a visada não fôr feita a zero em nenhuma das duas direcções, obtém-se o angulo pela differença das duas respectivas derivas.

4.^a) Igual a este ultimo processo é o que se tem de applicar na medição de angulos verticaes, isto é, ahuas millesimaes, pelo sitometro da luneta.

Accresce que, quando se faz a visada pelo collimador o sitometro registra um angulo duplo do seu valor real. E' que pelo collimador se descreve um angulo central e pela luneta o angulo é inscripto no mesmo circulo. Ora, subtendendo o mesmo arco o angulo central é duplo do inscripto.

Modos de pontaria indirecta

Os modos de apontar indirectamente uma bateria, deixando de parte as possiveis combinações de uns com outros, são: a pontaria reciproca sobre uma peça ou sobre a luneta da bateria, o emprego do ponto de pontaria collectiva.

Além das combinações referidas pode succeder que na mesma bateria nem todas as peças se apontem pelo mesmo modo. Neste particular, como aliás na questão da pontaria a nossa technica official é duma perfeita generalidade, deixa inteira liberdade na escolha do modo mais apropriado a cada caso particular.

Exemplo: A peça-base é apontada ao sentimento, ou por pontaria directa, talvez com auxilio da haste de alongamento, ou subindo o official á flecha ou aos bancos do reparo, o balisando a direcção, ou dando-a a cavallo o de um ponto elevado situado á retaguarda, o por meio da luneta de bateria — e as demais se apontam por pontaria reciproca sobre a peça-base ou por um ponto de pontaria ao qual aquella refere a sua direcção.

O feixe dos planos de tiro

Quando a pontaria indirecta se achava e inicio deu lugar, entre outras exuberancias seu valor pratico, á classificação solenne dos *gêmiens de tiro*: o parallelismo, o leque, a convergencia.

Entre nós acha-se oficialmente banida essa distincção: fundamentalmente estabelece-se na bateria o feixe paralelo; abril-o ou fecha-o é uma elementaríssima questão de jogo de deriva, de escalonamento additivo ou subtractivo, da direita ou da esquerda. Leiamos o R. T. A. (1919), página 57.

«Na pontaria indirecta a bateria fica com as trajectórias paralelas, isto é, com o fogo repartido sobre uma frente igual á sua...» qualquer que seja o processo regulamentar que se empregue.

«Em qualquer desses processos de pontaria indirecta, quando o feixe dos planos de tiro (11) tenha de ser repartido sobre uma frente maior ou menor do que a da bateria, bastará commutar um escalonamento additivo ou subtractivo igual ao terço da differença de frente». Quando o objectivo é uma linha (em lugar de pontos repartidos que exijam o tiro á risca) é preciso a medição da frente do feixe tomar como limites os centros dos quartos extremos: (12). Quando a peça-base fôr a extrema esquerda esse escalonamento será, ao contrario, subtractivo ou additivo conforme se queira abrir ou fechar o feixe.

«Se de antemão se sabe que existe tal differença deve-se corrigir-a, isto é, fechar ou abrir o feixe de trajectórias antes do rompimento do fogo.»

E «sabe-se de antemão» comparando a frente angular do objectivo com a da bateria «paralela». Esta se obtém dividindo a sua frente linear (em geral $50^m = 3$ intervallos de 20 passos) pela distancia de objectivo.

(11) (N. da 2.^a ed.). — Foi aperfeiçoado este ponto. O R. T. A. 1914 (pag. 42) ahí dizia: «quando o fogo tenha de ser repartido...»

(12) (N. da 2.^a ed.). — Introduzido como nota na edição 1919 do R. T. A.

Importa accentuar que se deve a todo transe evitar a medição da frente do objectivo entre seus extremos para em seguida abater o quarto assim obter a abertura do feixe. Como theoria isso é impecavelmente certo, como pratica é... uma lastima.

Nada altera que nessa apreciação do centro dos quartos extremos, a olho, haja pequenos erros. O mesmo principio sancionado pelo R. E. A.: «A pontaria de cada peça estando dentro do quarto da frente que lhe toca, está boa.» (Vd. 2.^o vol., pag. 284, n. 34, fim).

(Continúa)

Bibliographia

Recebemos as seguintes publicações:

Hofe, Rio, ns. 51, 52 e 53 — Março de 1920

Do summario: A contrafacção da Gloria — A epidemia bahiana da revolta — A fome de car-

vão — Uma exumação diplomatica — Accôrdo apunhalador? — Crescit eundo — Sob o guante da paz.

Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar, Rio, n. 8 — anno V — Fevereiro de 1920.

Do summario: Estatisticas medico-militares — Pelas associações medicas.

Memorial del Ejercito, Lima, Novembro e Dezembro de 1919.

Do summario: A Academia Militar de West Point — Curso de administração militar — Sobre organização da cavallaria — As sociedades do tiro no Brazil — Qualidades de commando — Lei de promoções no exercito japonéz.

Patria, Rio, ns. 8 e 9 — Anno I — Fevereiro e Março de 1920.

Do summario: As accumulações remuneradas — O Exercito e o centenario de 1922 — Batalha de 24 de Maio de 1866 — Quinquagenario da terminação da Guerra do Paraguay — Historia Militar do Brazil.

Sentinelilla, Ribeirão Preto, n. 11 — Fevereiro de 1920.

Medicina Militar, Rio, ns. 7 e 8 — anno X — Janeiro e Fevereiro de 1920.

Do summario: Historia anecdótica da «Grippe» na collecção do «Jornal do Commercio» — Algumas notas sobre as origens da syphilis — Os symptomas e o tratamento do pé de trincheira — Uma nova descoberta da medicina.

Cruzada (Orgam official da Sociedade Bibliotheca Academica da Escola Militar), Rio, n. 4 — Janeiro e Fevereiro de 1920.

Do summario: Amor e trabalho — Fortificação permanente — Manual dos Radio-telegraphistas — Uma questão de calorimetria.

Revista Militar, Lisboa, n. 2 — anno LXXII Fevereiro de 1920.

Do summario: Lições da Grande Guerra — O emprego das machinas de assalto — Portugal na guerra européa.

Propaganda da Lei do Sorteio e Instrucção Militar, collectanea de artigos publicados no «Goyaz» pelo 1.^o tenente Marco Antonio F. de Souza, 1920.

Explosivos e suas applicações militares, lições professoradas na E. M. do Realengo pelo Dr. Salvador Barbalho Uchôa Cavalcanti. 2.^o Volume.

Revista Militar, Buenos Ayres, Fevereiro 1920.

Do summario: Modelo de ordens para inspecções; a batalha offensiva na guerra de trincheiras; defesa contra ataques aereos; methodo de instrucção de aviadores; cavallaria allemã e franceza no ultimo anno de guerra; tactica de infantaria; orçamento de despesas para estudos de material de guerra.

Ordens de divisão

Do n.^o 229 da *Revista Militar* argentina extraímos o seguinte, que nos pareceu interessante, como illustrativo da phrase do exm.^o Sr. general Gamelin segundo a qual allemães e francezes diante dos mesmos problemas chegaram ás mesmas soluções.

E' do artigo do Sr. tenente coronel Pertini, sob o titulo «a batalha offensiva na guerra das trincheiras». Assim começa o autor:

A ultima guerra poz em evidencia, mais uma vez, que a divisão organizada com as tres armas que melhor permite o grupamento dos elementos necessarios para fazer um ataque, e é a unidade superior em que seu chefe pode fazer agir directamente e em qualquer parte, sua vontade pessoal.

Por esta razão todos os belligerantes consideram a divisão como unidade de ataque.

O emprego e a repartição judiciosa das divisões eram determinados pela acção efficaz de infantaria e para o calculo desta se tomava o batalhão como unidade de ataque.

A experiencia comprovou que a frente de ataque de um batalhão de 1000 homens é de 300 a 400 m., e seu avanço em profundidade não pode exceder de 1000 m. Rompida a organização defensiva do inimigo, deve o batalhão estar em condições de assegurar o terreno conquistado e poder organizar-se defensivamente.

O commando da divisão determinará a frente de ataque para cada batalhão, a profundidade de avanço e algumas vezes tambem a linha em que os batalhões devam se sobrepassar.

Tanto a frente de ataque como a profundidade de avanço eram questões dependentes do numero de batalhões com que contasse a divisão.

O mesmo calculo se fazia para o corpo de reserva. De seu numero de divisões dependem a frente e a profundidade de seu ataque. Poucas vezes observei que os corpos de reserva chegavam a ter tres divisões e até quatro. Em qualquer caso havia sempre a metade da primeira linha e a outra metade em reserva.

Na preparação da offensiva todas as bocas de fogo da reserva cooperavam no ataque desde o começo da acção.

As divisões effectuam seu avanço por alternância de linha, isto é, pela passagem das divisões de segunda linha para adiante das da primeira.

O regulamento diz a esse respeito:

Recommenda-se geralmente combinar as alternâncias de linha de tal maneira que a divisão de frente possa alcançar o maximo de sua capacidade offensiva sem gastar completamente toda sua força moral e physica e sem soffrer grandes perdas.

Ella poderá então, em taes condições, ficar de retaguarda e assumir o papel de segunda linha. Ao contrario, si uma divisão tiver comido até ao limite de suas forças, então em vez de alternância haverá substituição, isto é, ella será retirada para a retaguarda afim de organizar-se por permuta com unidades de reserva.

Ordem de divisão. — O ordem de divisão é confeccionada depois de recebidas do commando superior respectivo os delineamentos necessarios.

Com essas instrucções de caracter geral o commandante da divisão faz a sua ordem definitiva, depois de haver completado os reconhecimentos necessarios com os officiaes de seu estado maior.

A ordem de divisão deve determinar e organizar a frente até ao momento da acção.

Ella é, em uma palavra, a executora dos desígnios do commando superior.

Os planos de acção devem ser simples e concisos, conter somente as indicações indispensaveis e devem ser acompanhados de cartas de 1:10.000, determinando exactamente a repartição das tropas.

Uma ordem de divisão deve conter:

- a) *Objecto da acção offensiva:*
 - 1.º missão da divisão;
 - 2.º sectores de ataque;
 - 3.º missão das divisões vizinhas.
- b) *Condições geraes:*
 - 1.º idéia da manobra;
 - 2.º determinação dos differentes tempos da preparação e da execução do ataque.

- c) *Definição dos objectivos:*
 - 1.º objectivo da acção offensiva;
 - 2.º decomposição desta em varios ataques; previsão para a successão rapida dos mesmos;
 - 3.º fiscalisação dos objectivos do primeiro ataque: objectivo normal, objectivos intermediarios e objectivo eventual;
 - 4.º prescripções para os reconhecimentos de objectivos de ataque ultteriores;
 - 5.º plano de conjunto dos ataques ultteriores e da exploração do exito.

- d) *Para o emprego das tropas de ataque:*

Densidade das formações de ataque e sua distribuição em sectores, com indicações relativas ao escalonamento em profundidade.

- e) *Tropas de assalto e de reserva:*
 - 1.º fixar os sectores de acção dos regimentos e batalhões de infantaria;
 - 2.º objectivos successivos de cada regimento e batalhão.

- f) *Alternância das linhas:*
 - 1.º regulamentação da velocidade de marcha nas diversas phases do avanço;
 - 2.º fiscalisação da hora; como fazê-la;
 - 3.º prescripções detalhadas sobre as patrulhas de reconhecimento ou os destacamentos incumbidos da busca de informações, as de golpes de mão contra a artilharia inimiga estabelecida além do objectivo normal, e logo determinar as tropas de assalto ou de reserva que devam alcançar o objectivo eventual;
 - 4.º repartição das unidades constituidas que devam cobrir os flancos da unidade e a ligação com as vizinhas;

- 5.º repartição e missão das forças e dos meios de toda especie postos á disposição da divisão.

(A seguir: Um caso pratico).

Revista Militar

Lisboa

Sob moldes novos acaba de apparecer a *Revista Militar* do Exercito portuguez, cujos dois primeiros numeros registamos na nossa Bibliographia. Ella é o fructo da fusão de varias revistas antigas de Portugal, dentre as quaes sempre sobresahiam a «Revista da Administração Militar» e «Portugal Militar». Vem, pois, em sua 2.ª epocha, a *Revista Militar*, já recommendada por um longo passado de setenta e dois annos, e nada precisa que se acrescente como garantia do seu brilhante exito.